

# AM

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO XCIV  
Nº 3 — março 1993 — Cr\$ 20.000,00

**Para viver, o homem tem necessidade de um meio favorável e de um abrigo protetor: uma família e uma casa. A moradia sempre foi aspiração de todas as pessoas. A moradia é um direito pessoal e familiar e constitui um fator de estabilidade social.**

CF' 93



# AM – Informática Pastoral

Caros Leitores:

Desde 1988 vem sendo desenvolvido um projeto para aplicação da informática, visando a auxiliar religiosos e leigos nas atividades pastorais.

Em 1992 a AM edições lançou o livro “O Computador renovando a Pastoral”, do Pe. Irineu Leopoldino de Souza, relatando as aplicações já desenvolvidas pela *Lexistemas Informática e Comércio Ltda.*, que vêm sendo utilizadas por algumas Dioceses e Paróquias com bastante sucesso.

A partir deste ano, a AM e a *Lexistemas Informática* associam-se para divulgar e comercializar esses programas, e também para dar o necessário suporte nos treinamentos operacionais e na aquisição de equipamentos e suprimentos.



## PROGRAMAS (Software)

**SIPALI** - Cadastro de Paroquianos e Mala Direta.

**SIRBALI** - Emissão de Batistério e Livro de Registro de Batismos.

**SIRCALI** - Livro de Registro de Casamentos.

**SIDILI** - Programa de Controle de Dízimo.

**COFILI** - Contabilidade Financeira (Diocese e Paróquia).

**COPALI** - Controle de Patrimônio.

**SIPLI** - Controle do Efetivo Pastoral (Diocese).

**SICRILI** - Registro de Crisma.

**EDITELI BÍBLIA** - Recuperador de Informações associado à Editoração Eletrônica de texto. Acompanha uma Calculadora Virtual na Tela, Corretor Ortográfico e uma Edição Completa da Bíblia Sagrada (LEB) com capacidade total de pesquisa nos Livros.

## EQUIPAMENTOS (Hardware)

PC (compatível IBM) 286/386/486.

Desktop e Notebooks.

Impressoras 80/132 colunas.

Winchester 40/80/120/220/300 Mb.

Estabilizadores de voltagem 0.8/1.2 KVA.

FAX/Secretária Eletrônica/Modem/Impressora Laser.

## SUPRIMENTOS

Formulários contínuos 80/132 colunas.

Etiquetas (Mala Direta).

Fita para impressora 80/132 colunas.

Refil para fita.

Disquetes 3.5 / 5.25 (DD e HD).

Capas para Micro.

Livros de Informática.

## Importante

- a) Demonstrações no endereço abaixo.
- b) Treinamento e atendimento “hot-line” a clientes na LEXISTEMAS INFORMÁTICA.

AM - Livraria e Papelaria AVE-MARIA Ltda.  
Rua Jaguaribe, 761 - CEP 01224-001 - São Paulo - SP  
Tels.: (011) 66-0582 / 825-0700

**NOTA:** a) Desenvolvemos sistemas especiais para congregações, colégios, seminários etc. Consulte-nos!  
b) Atendemos por reembolso postal.

## 4. A IGREJA NO MUNDO

Notícias

## 6. A PALAVRA DO PAPA

**Vamos pedir a Deus as soluções da moradia no Brasil**

## 7. CAMPANHA DA FRATERNIDADE

**CF' 93 — Onde Moras?**

## 9. FÉ E POLÍTICA

**O ideal da produção coletiva no campo**15. **Forma e sistema de governo**Monarquia ou República.  
Presidente ou Parlamento16. **Santo Domingo: A Nova Evangelização**

Porque uma nova evangelização? A antiga não valeu?

18. **Dia Internacional da Mulher**

8 de março de 1857 e tudo começou.

## ENCARTE

**Paz inquieta**

Rigoberta Menchú, primeira indígena a receber o Nobel da Paz.

19. **História da Igreja no Brasil**

A influência predominante do clero brasileiro em nossa independência.

20. **O que é escrever positivamente?**

De um princípio fundamental de positividade para escrever positivo.

22. **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**  
**A opção de ser feliz**

Esta escolha cabe estritamente a cada um. Por isso, seja feliz.

25. **ALCOOLISMO****Quando a mulher bebe durante a gravidez**26. **PÁGINA DO CATEQUISTA****A catequese hoje** (continuando)27. **MENSAGEM MARIANA****Ave Maria: alegre-te, bem-amada de Deus!**27. **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**

De 25/04 a 9/05/93

32. **RELENDO A BÍBLIA****Neemias ou II Esdras**33. **PÁGINA INFANTIL****Coisas espirituais**

# Voltar para casa

**R**ecomeça o percurso espiritual para a celebração da Páscoa. É o tempo da quaresma. Tempo de conversão, tempo de retorno. Tempo de voltar para casa.

Nada mais pedagógico do que o ensinamento de Jesus com a história do filho pródigo. O filho que caiu em si, percebeu o rumo desviado e decidiu retornar. E do outro lado o pai misericordioso que “quando avistou o filho, ainda longe, e, movido de compaixão, correu-lhe ao encontro, o abraçou e o cobriu de beijos” (Lc 15, 20).

A quaresma é um tempo de especial preparação espiritual. É um tempo de exercício de corajosa autocrítica e de corajosas decisões. Decidir - se novamente, se for o caso, à observância dos mandamentos e à militância pró verdade e pró justiça para ser o “sal”, a “luz” e “fermento” como compara Cristo. É um tempo para rever-se diante da palavra de Deus e comprometer-se com a construção de seu reino.

Praticamente a Igreja apresenta uma proposta desafiadora: Como ser fraterno entre os filhos de Deus, os humanos, que não tem casa para morar?

A campanha da fraternidade é uma motivação para os cristãos e pessoas de boa vontade, para o conhecimento da realidade habitacional uma carência de 8 a 14 milhões de moradias — o julgamento, na ótica de Cristo, dessa situação injusta —. .. “eu estava sem abrigo, sem amparo”... (Cf. Mt 25, 35 ss) — a ação, consciente, solidária e política voltada para realizações concretas, desde as transformações estruturais legais — reforma agrária e reforma do uso do solo urbano — até os mutirões solidários para construção de casas populares.

Sempre ouvimos dizer que primeiro é preciso ter condições para viver com dignidade — ter o que comer, o que vestir, onde morar — agradecer a Deus pelos dons recebidos. Como pedir à alguém que volte para casa sem antes perguntar onde moras?

Voltar para casa, para quem tem casa, é voltar-se para Deus, retornar a ele e ao seu abraço paterno. Para quem não tem casa a ordem é arregaçar as mangas, é lutar por esse direito é resgatar um pedaço de chão para estruturar a vida, é trabalhar para que haja “trabalho que é o fundamento sobre o qual se edifica a vida familiar que é um direito fundamental e uma vocação do homem” (CNBB 23-80 ss).

Fraternidade, então, é sinônimo de solidariedade e de corresponsabilidade. Como não questionar uma política de desenvolvimento que parece mais preocupada com um automóvel para andar, quando ainda mais de 10 milhões de famílias não têm onde morar? Voltar para casa, nesse caso, é voltar-se para nossa realidade social mais urgente, mais necessária, sem ater-se às grandes tentações consumistas do primeiro mundo. Um plebiscito popular sobre prioridade de necessidades certamente apontaria: uma casa própria para morar.

Precisamos voltar para casa.

P.C.G.

## Missionárias de Sto. Antônio M<sup>a</sup>. Claret



Em janeiro, dia 19, 33 Irmãs Missionárias de Santo Antônio Maria Claret, provenientes de quatro continentes, reuniram-se em Londrina (Paraná, Brasil) para a celebração do VI Capítulo Geral da Congregação.

O objetivo, além da eleição do novo Governo Geral, foi a avaliação do processo de renovação congregacional, à luz do carisma, na perspectiva da Nova Evangelização.

Nodesevolvimentodostabalhos, o Capítulo teve como Assessor o Pe. João Batista Megale, missionário claretiano e Superior Provincial da Província do Brasil Central.

No dia 2 de fevereiro, a Assembléia capitular, presi-

da pelo Arcebispo de Londrina, D. Albano, Cavallin, elegeu o novo Governo Geral para os próximos seis anos: Superiora-Geral: Madre Tarcísia Gravina (reeleita); Conselheiras: Ir. Aparecida de Lourdes Arado (vigária e área de missão), Ir. Marina Delfino Alves (vidareligiosa), Ir. Dalva Tomasinini (formação), Ir. Amélia Luiza da Costa (carisma), Ir. Maria de Lourdes Bassetto (economia) e Ir. Ivany Zanardi (secretária).

A congregação das Missionárias Claretianas foi fundada em Londrina, no dia 19 de março de 1958, por D. Geraldo Fernandes, missionário claretiano e Arcebispo de Londrina, e pela Madre Leônia Milito.

## Prêmio Internacional

A espiritualidade da Congregação tem seu centro no mistério da Eucaristia e na vivência do amor filial ao Imaculado Coração de Maria, tendo como lema, recebido dos Fundadores: "Bondade e Alegria".

Seu programa de vida é participar na missão salvífica de Cristo Redentor na Igreja.

Em seu carisma, ressalta vigorosamente o espírito missionários universal, tendo como ideal a salvação de todo o mundo, por todos os meios possíveis, principalmente através das obras de misericórdia, com uma dedicação especial aos mais pobres.

A Congregação conta atualmente quase 400 membros e possui Comunidades de vida evangélica e apostólica em doze Países: Alemanha, Argentina, Austrália, Brasil, Chile, Costa do Marfim, Filipinas, França, Gabão, Itália, Paraguai e Suíça.

*Dulcinea Ribeiro é missionária Claretiana*

Madre Teresa recebe prêmio Leon Tolstói: A missionária Madre Teresa de Calcutá acaba de receber o Prêmio Internacional Leon Tolstói, do Governo da Rússia, pelo seu empenho para melhorar as condições de vida das crianças pobres em todo o mundo. Madre Teresa tem 82 anos e já recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Ao receber o prêmio do Cônsul russo, em Calcutá, Madre Teresa anunciou a abertura de cinco comunidades das Irmãs Missionárias da Caridade na Rússia para atendimento às crianças.

*(Notícias CNBB)*

## Cooperativa

A Diocese de Abaetetuba, que tem como bispo D. Angelo Frosi, adquiriu um ponto na Cidade Velha, onde será construída a Central de Comercialização destinada a pequenos produtores rurais da diocese ligados ao sistema de cooperativa. A central foi criada há três meses com apoio de Cáritas e da CNBB Regional. A idéia surgiu a partir de um estudo realizado junto aos produtores das regiões pobres do Estado de Pará, que enfrentam inúmeros problemas para colocar no mercado seus produtos a preço justo, sem a mediação do atravessador.

*(Notícias CNBB)*

**AM AVE MARIA** é uma publicação da Editora Ave Maria Ltda. (CGC 60.494.200/0001-70) **Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.** Fundada em 28 de maio de 1898. Registrado no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS) nº 14 696

Administração: Hely Vaz Diniz

Preparação e revisão: Avelino S. de Godoy.

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave-Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01226 - 000) - São Paulo.

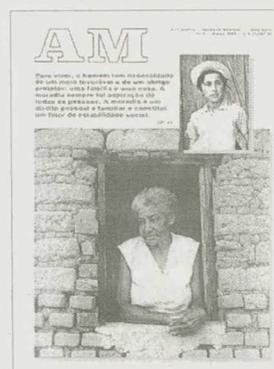
Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx P. 6226 (CEP 01064 - 970) - São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo, vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista **Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

**Preços: Renovação de assinatura: Cr\$ 200.000,00**

**Assinatura nova: Cr\$ 200.000,00, Números avulso: Cr\$ 20.000,00**

### Foto da capa VERBO FILMES



## Ano Internacional do Indígena

No dia 10 de dezembro foi aberto em Nova Iorque o Ano Internacional do Indígena, proclamado pela Organização das Nações Unidas para 1993. No Brasil, as entidades e líderes indígenas estão se preparando para celebrar o ano com um novo Estatuto do Índio. Está em fase de conclusão na Câmara dos Deputados e as lideranças estão acompanhando de perto o trabalho.

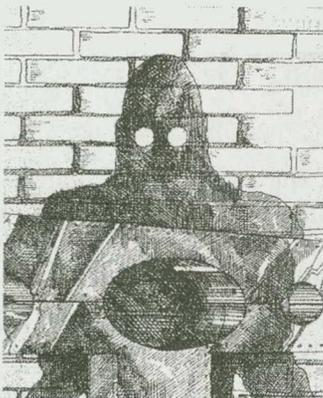
(Notícias da CNBB)

## Menino de rua

O livro "Casa de apoio Nossa Senhora da Conceição. Pelos meninos e meninas de rua: dois anos de história para contar" foi lançado em Belo Horizonte, no dia 17 de dezembro, com a presença dos meninos, dos educadores, membros das Patorais do Menor, Social e de Rua, da Arquidiocese de Belo Horizonte, e de outras entidades dedicadas à recuperação dos meninos. O lançamento ocorre quando a Casa está completando três anos de existência e conta de maneira direta e simples a experiência vivida pelos cinco educadores da Casa de Apoio Nossa Senhora da Conceição, na Lagoinha. A redatora final do livro, Maria do Rosário

Rabelo, escreve no prefácio da obra: "É um trabalho de muitas mãos, cabeças e corações".

(Notícias da CNBB)



## Pena de morte

O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), divulgou Nota, no último mês de janeiro, pronunciando-se contra a pena de morte, atualmente em discussão no país. Após breve introdução, afirmam os membros do CONIC: "Refeitamos a pena de morte como solução à criminalidade". E continuam: "Nossa caminhada como povo de Deus, em alguns momentos da história, nos levou a atitudes contrárias à vida. Dessas atitudes, e da busca constante de aperfeiçoamento da caminhada, constatamos que a morte não é redimida pela morte: a transgressão cobra uma reparação através de ações de vida, tanto para o transgressor, quanto para a sociedade. A partir dessa palavra de penitência, elaboramos o que

hoje compreendemos por vencer o mal com o bem; a morte com a vida". A Nota afirma ainda que "a pena de morte pode não existir constitucionalmente, mas extralegalmente existe na prática cotidiano do nosso país: pela escalada da violência que extermina diariamente crianças e adolescentes; pelos homens e mulheres que morrem no campo e na cidade, silenciados por causa do seu compromisso com a vida e a justiça; pelo crescente número de famílias sem lar, sem alimento, sem atendimento médico, vitimados por um moldeo econômico excludente e concentrador de renda, que torna a vida descartável..." e o CONIC continua enumerando outras situações que são "pena de morte" para o povo. E conclui a Nota afirmando que as Igrejas Cristãs, unidas no CONIC são contrárias à implantação oficial da pena de morte e do plebiscito, porque violência não se combate com a violência".

(Notícias CNBB)

## Classe Média

"REDE": é o título do Boletim Informativo destinado aos Cristãos da Classe Média. A Apresentação do primeiro número, feita por M. Helena Arronchellas, membro do Conselho Editorial, diz "que o serviço a ser prestado pela REDE é dirigido, principalmente aos cristãos da classe média, mas sem ser excludente. Pensamos em atingir também todos aqueles que se identificam como cristãos". Endereço: Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade — Rua Mosela, 289 — PETRÓPOLIS, RJ.

## 200 Milhões

Uma pesquisa da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), afirma que praticamente a metade da população da América Latina, ou seja 200 milhões de pessoas, vivem numa situação de pobreza absoluta.

(Notícias CNBB)

### AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos aos senhores assinantes que ao serem visitados por **cobradores de assinaturas** não conhecidos pedissem a credencial. Todos os nossos representantes, têm credencial fornecido pela Revista Ave Maria e seus nomes estão relacionados neste aviso.

### A SEGUIR ANUNCIAMOS A LISTA DOS NOSSOS COBRADORES AUTORIZADOS:

Alexandre Greggianin (RS); Arnaldo Oliveira Reis (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Ildo José Riva (MT); José Lázaro Diniz (MG); João Ferreira Menezes (SP); João Batista Teixeira (SP); José Batista Vaz (SP); Sérgio Pierozan (SP); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); José Maria Martins Dias (região nordeste do Brasil); Mauro Donizeti Câmara (SP) e nosso Irmão claretiano Nelson Gustavo Kerntopf (ES, GO e Brasília).

**EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.**

# “Vamos pedir a Deus as soluções da moradia no Brasil”



**C**omo venho fazendo todos os anos, à convite da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na Quarta-feira de Cinzas dou por iniciada a Campanha da Fraternidade com uma mensagem quaresmal que se destina a transmitir-vos aquilo que vai pelo coração do Papa e para caminhar no sentido indicado por Cristo Nosso Senhor que, com sua morte e ressurreição, deu-nos a vida e no-la deu em abundância.

A quaresma é como todos sabem, tempo de penitência e de renovação interior para nos preparar à Páscoa do Senhor, procurando ouvir a voz do alto, que chega a cada um na intimidade do coração: “Convertei-vos. Votai-vos para mim de todo o coração” (Jo 2, 12).

Hoje a Igreja, com o lançamento desta Campanha que, com razão, é dita da Fraternidade, nos quer propôr o tema “Onde moras” para indicar uma das exigências essenciais do homem, enquanto peregrina sobre a terra, de possuir os meios para ter uma vida digna de filhos de Deus. Deste modo, ela nos convida

a não nos esquecer que a nossa fé íntima-nos a nunca nos iludir o compromisso pessoal de sair em defesa da justiça, particularmente no âmbito dos direitos fundamentais da pessoa. Cumpre-nos defender o direito, que todos têm, de viver, de possuir o necessário para desenvolver uma existência digna, de trabalhar e descansar, de formar um lar, de passar serenamente o tempo da doença ou da velhice, mas sobretudo de conhecer e de amar a Deus.

Quando alguns dos discípulos encontram Jesus pela primeira vez, eles perguntam espontaneamente: “Mestre, onde moras?” E o Senhor lhes responde: “Vinde e vede” (Jo 1, 37-38).

Nós também, que fomos chamados “familiares de Deus” (Ef 2, 19), lhe perguntamos: aonde vives, Senhor? Aonde estás para que possamos estar junto de Ti, a viver na condição de filhos de Deus, criados a Tua imagem e semelhança? A Igreja — e com ela seus pastores — assume a grave responsabilidade de responder, em nome de Deus, vinde e vede. Ela tem o dever inalienável de exigir o respeito da pessoa humana, que tem origem nos direitos derivados de sua dignidade de criatura.

Cristo, o Deus feito homem, veio à Terra para nos redimir, sem se afastar minimamente das condições de vida que qualquer pessoa se submete neste mundo. A situação do

lar de Nazaré não era distinta à de tanta gente que experimenta a pobreza, o abandono e a privação. Não lhe faltou, porém o carinho e o desvelo de Nossa Senhora e de São José, que se prodigavam pelo menino numa vida de doação, de trabalho e de alegria, para que nada lhe faltasse. E o Senhor certamente hoje no-lo mostraria, tal como o fez aos primeiros discípulos: “Vinde e vede”. Ele nos quer mostra aquele “lar modelo” de todos os lares cristãos: o abrigo protetor, o espaço da família, o lugar onde se necessita projetar a própria intimidade. O ser humano tem necessidade desse lugar que não é apenas físico mas também afetivo, integrador e educativo. A moradia é direito pessoal e familiar. E também importante fator de estabilidade social.

“Se me invocardes, Eu vos escutarei” (introdução da missa do 1º domingo da Quaresma). Vamos pedir a Deus para que sejam encontradas as soluções destinadas a resolver o problema da moradia no Brasil. Que ao apelo de cada brasileiro corresponda uma resposta cheia de solidariedade, de justiça e de caridade. Que todos possam responder com paz e alegria à pergunta aonde vives? Vinde e vede?

E que Deus vos abençoe e vos proteja, em união com Nossa Senhora Aparecida e com o glorioso São José.

João Paulo 2º

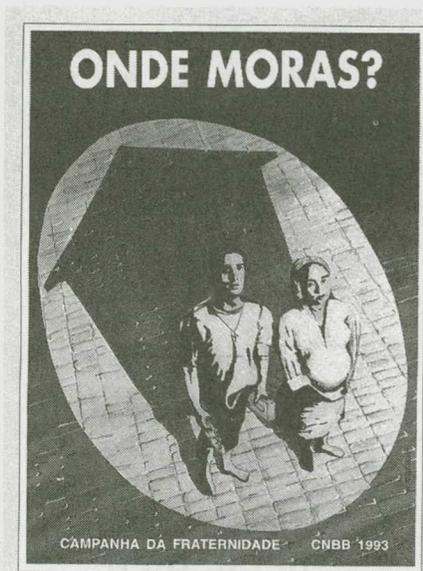
# CF' 93 — ONDE MORAS ?

**E**ste ano a Campanha da Fraternidade aborda o tema da moradia. A imensa carência de moradias — estima-se um déficit habitacional entre 8 a 14 milhões de residências — faz com que a Igreja e todos os homens e mulheres de boa vontade sensíveis aos carentes, somem suas vozes clamando por justiça e solidariedade.

A CF tem sempre início no tempo da quaresma (quarta-feira de cinzas) porque ela supõe conversão, retomada da pureza e da coerência da fé cristã.

A moradia é, sem dúvida, uma das questões sociais mais graves em nosso país. Sem moradia (casa/lar) não há base para a organização familiar nem se salvaguarda a dignidade humana.

Nas cidades em geral, especialmente nas grandes metrópoles aumenta a desigualdade. De um lado, uma cidade legal, de acordo com as normas, bem planejada, bem equipada. Do outro lado — as periferias — uma cidade irregular, clandestina com habitações precárias e subumanas.



A real fraternidade supõe sensibilidade e conversão estrutural. Vai desde a virtude cristã da hospitalidade até à decisão de somar-se às lutas por uma nova ordem onde o solo urbano seja para todos. É uma mudança que passa necessariamente pela maneira de conceber a propriedade da terra e pela atitude frente aos movimentos populares e iniciativas pastorais que buscam soluções concretas para a falta de moradia.

A Igreja no Brasil tem consciên-

## Oração da CF-93

**Uma voz:** Ó Senhor, vós que sois caminho e acolhida, luz e vida, nós vos pedimos:

**Todos:** Ajudai-nos a acolher a súplica da criança, do menor que grita e clama por não ter moradia nem lar.

**Uma voz:** Senhor, dissestes: "as raposas têm tocas e os pássaros têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lc 9, 58).

**Todos:** Escutai o grito dos irmãos despejados da terra, de suas casas, no campo e na cidade.

**Uma voz:** Senhor, quando perguntaram onde era vossa casa respondestes: "Vinde e vede!" (Jo, 1, 39).

**Todos:** Ajudai-nos a ver-nos: nos irmãos que moram nos barracos, nos conjuntos habitacionais, nos cortiços, debaixo dos viadutos e nas ruas.

**Uma voz:** Senhor, vós prometestes: "quando nossa moradia terrestre, nossa tenda for desfeita, receberemos uma habitação no céu" (2Cor 5, 1).

**Todos:** Senhor, enquanto esperamos esse dia, ensinai-nos a viver na fraternidade e animai-nos na luta pela justiça, pelo direito de todos a uma moradia digna.

**Amém!**

## POPULAÇÃO URBANA

<b>1950</b>		
habitantes	51.100.000	(63,21%)
população urbana	18.800.000	(36,79%)
<b>1991</b>		
habitantes	155.500.000	(22,83%)
população urbana	120.000.000	(77,17%)

Fonte: IBGE, divulgados na imprensa, in JB, 03/11/91.

cia de que a situação da falta de moradia para milhões de brasileiros é grave e estrutural. A complexa situação dos sem-teto não se pode reduzir a uma interpretação crítica. Abrange, também, uma avaliação ética deste novo desafio da pobreza na época contemporânea. O compromisso da igreja com aqueles que não têm casa é humanitário e evangélico.

### A finalidade da CF-93

A CF de 1993 quer afirmar o direito à terra e à moradia como condição básica para o desenvolvimento de vida plena: do INDIVÍDUO (subjatividade, inviolabilidade), da FAMÍLIA (acolher, gerar, defender e promover a vida), da FRATER-NIDADE (solidariedade) e do EXERCÍCIO DA CIDADANIA (condições para viver e morar saudável e dignamente — infra-estrutura, equipamentos sociais e meio ambiente — participar e decidir a vida da cidade).



**A real fraternidade supõe sensibilização e conversão estrutural. Vai desde a hospitalidade até à decisão de somar-se às lutas por uma nova ordem.**

### Objetivos específicos

- 1) Conhecer as reais condições da moradia no campo e na cidade.
- 2) Sensibilizar a consciência ética diante da dimensão econômica da moradia (especulação imobiliária, solo urbano X população de baixa renda).
- 3) Resgatar a moradia como símbolo de acolhida e de vivência fraterna e da qualidade de vida do povo.
- 4) Conhecer e divulgar as experiências, lutas e movimentos em prol da moradia popular e das conquistas da reforma urbana.
- 5) Incentivar as iniciativas de movimentos e organizações para a construção e gestão da moradia popular.
- 6) Apoiar a organização dos trabalhadores rurais em sua luta por uma justa distribuição de terra, acompanhada de uma real política agrícola e habitacional.
- 7) Despertar nosso compromisso de Igreja com aqueles que não têm moradia digna. □

## DÉFICIT HABITACIONAL NO BRASIL

Acre	21.708	Pará	196.109
Alagoas	123.660	Paraíba	169.817
Amapá	11.286	Paraná	560.274
Amazonas	116.286	Pernambuco	409.292
Bahia	572.746	Piauí	131.182
Ceará	355.862	Rio Grande do Norte	137.978
Distrito Federal	176.513	Rio Grande do Sul	569.758
Espírito Santo	156.728	Rio de Janeiro	948.577
Goiás	271.787	Rondônia	42.292
Mato Grosso	110.178	Roraima	8.268
Mato Grosso do Sul	136.120	Santa Catarina	247.923
Maranhão	184.499	São Paulo	2.552.729
Minas Gerais	965.214	Sergipe	76.199

Fonte: Secretaria Nacional de Habitação, in jornal BSB, de Brasília, cad. Cidade, p. 22, 02/10/91.

# O ideal da produção coletiva no campo

*Uma experiência cooperativa de agricultores assentados em Piratini, RS*

*Jaime Kaster*

A Campanha da Fraternidade 93 nos convoca a discutir e agir diante das deprimentes condições de moradia de milhões de brasileiros, muitos dos quais sem teto e sem terra. Mas também celebra as conquistas do nosso povo sofrido na luta pelos seus direitos. Trazemos nesta edição da AM uma rica experiência de um grupo de famílias recém-assentadas numa fazenda em Piratini RS, onde vive e trabalha em sistema cooperativo. Rompendo com o molde de propriedade privada dos latifundiários, estes agricultores antes sem-terra, comprovam que a partir da organização popular é possível e vantajoso viverem unidos, dividindo tudo e trabalhando a terra de forma coletiva.

Após muitas décadas de promessas da Reforma Agrária no Brasil, as primeiras cooperativas de agricultores sem-terra, agora assentados, começam a dar ótimos resultados. Mesmo sendo lenta e às vezes incorreta, a Reforma Agrária tem dado oportunidade a alguns trabalhadores do campo, que após receberem as terras, organizam-se para a produção coletiva. Ou seja, após as desapropriações de latifúndios improdutivos, as terras

são cedidas para inúmeras famílias (de 10 a 100) morarem juntas e tirarem delas o seu pão-de-cada-dia.

Em todo o país, o MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, presente em 19 Estados, já teve grandes conquistas em 12 anos de lutas iniciadas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina: mais de 5 milhões de hectares de terra para cerca de 100 mil famílias

ou à beira de rodovias, como forma de pressão para sensibilizar as autoridades.

## A união dos pequenos produtores

De acordo com o agricultor Telmo Moreira, 40 anos, membro da Direção Estadual do Movimento dos Sem-Terra (MST), 3074 famílias já estão assentadas e trabalhando em suas novas terras no Rio Grande do Sul, num total de 84 assentamentos. Enquanto isso, 1460 famílias ainda esperam a sua vez, organizadas em 3 acampamentos. Além de trabalhar na lavoura em uma cooperativa, Telmo faz palestras de conscientização e di-

***“A medida que o povo vai tomando consciência de sua situação, se organiza. E na medida em que se organiza, os problemas vão se solucionando”***

*Cerezo Barredo*

assentadas e 42 cooperativas de produção já organizadas.

No Rio Grande do Sul, os primeiros assentamentos mediados pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e pelo Governo do Estado se deram a partir de 1983. Os assentamentos são efetuados após uma longa análise das necessidades das famílias e após uma longa espera destas em grupos, já acampados em fazendas

vulgação do trabalho do MST em escolas, universidades, sindicatos e em reuniões e congressos profissionais.

Ele explica que a união dos assentados em cooperativas é a única forma de sobreviverem: “Com essa política agrícola do Governo, que só privilegia os proprietários com grandes investimentos, não tem pequeno agricultor que sobreviva, porque não consegue crédito para a produ-



**Os assentamentos são gente muito simples e vivem unidos e felizes nas suas terras. São filhos de colonos italianos, alemães, caboclos, crioulos e até de índios.**

ção e, se consegue, depois não tem bom preço para seus produtos”. Por isso, defende que a cooperativa é a forma dos agricultores recém-assentados poderem produzir com maior qualidade, para alcançarem um melhor mercado.

## “Conquista da Liberdade”

Para conhecer melhor, fomos até uma delas: a COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA INTEGRAÇÃO PIRATINENSE LTDA., que fica em Piratini, RS, cerca de 250 km ao sul de Porto Alegre. Mais conhecida como “Assentamento Conquista da Liberdade”, ela é o resultado de 2 anos e 4 meses de sonho e luta de um grupo de 50 famílias que eram acampadas e provenientes do norte do RS, onde predominam as grandes propriedades

de soja. São ao todo 159 pessoas de municípios como Santo Ângelo, Palmeira e São Miguel das Missões. Há um ano — desde 13/2/92 — elas foram escolhidas para morarem numa enorme fazenda de 1238 hectares, comprada da megaempresa CICASUL (Companhia Industrial de Conservas Alimentícias — Sul).

O termo correto é realmente “comprada” e não “desapropriada”, como deveria ser, explica o agrônomo do Assentamento, Marcelo Santos de Souza: “Estes 1238 hectares não foram desapropriados, mas pagos pelo Governo a um preço até maior do que o do hectare na região. Pois com este dinheiro a CICASUL comprou 70 mil hectares na Bahia, onde a terra vale menos. E desse jeito a Reforma Agrária não promove nenhuma distribuição de renda, porque o rico continua rico. O Governo não devia comprar a terra, mas destituir o estancieiro dela para dar a quem precisa e quer produzir”.

## A chegada no Assentamento

Quando ele diz que deve-se dar a quem quer produzir, é porque a grande parte destas terras do Assentamento estavam improdutivas. Só se utilizavam uns 100 hectares para chácara de pêssego (que predomina na região) e outro pedaço para o gado de corte. Isto é, gado para carne, que serve como investimento e especulação para quem não quer ter trabalho com agricultura.

Tanto não estava sendo usada, que quando o grupo de sem-terras chegou à fazenda, tudo estava abandonado: “O capoeirão estava alto até a beira dos galpões. Matamos muita cobra e tudo estava largado e sujo. Só sobraram por aqui os antigos empregados, uns ‘pobre-bicho’, que não foram pagos pelo patrão, nem tinham prá onde ir” — conta um dos assentados, Davi Ardenghi de Campos.

Como a fazenda já tinha uma grande estrutura (casas, galpões, silo, confinamento para o gado com vários estábulos e cercados), os assentados se instalaram nas casas e galpões onde estão até hoje morando juntos — de 2 a 6 famílias em cada casa. Chegando lá, com “uma mão na frente e outra atrás”, limpam toda a área, roçaram a chácara de pêssego, colheram um milho velho e fizeram rápido uma horta — para terem o que comer de imediato.

O assentamento-cooperativa fica a mais de 50 km das cidades mais próximas (Piratini, Pelotas e Bagé). Logo, o grupo teve que se organizar para produzir o máximo na terra e não ficar dependente da cidade, mesmo porque, ninguém tinha dinheiro para comprar nada.

## A formação da cooperativa

Já havia uma coordenação responsável pelo grupo, que fazia os contatos e, discutindo com todos nas assembléias, tomava as decisões. E nestas discussões todos decidiram organizar a cooperativa e que a terra seria propriedade coletiva, com quotas iguais para as 50 famílias, em vez de cada um ficar com um pequeno pedaço (24 hec-

tares) sem ter como produzir.

E como era uma grande propriedade, buscaram modelos de outras cooperativas já existentes, para saber como preparar e lidar com grandes lavouras. Daí decidiram dividir o grupo em vários setores de trabalho, como lavoura, gado, pomar, horta, construção, cozinha e administração.

Mas muitos setores não tinham conhecimento técnico, então o pessoal foi atrás de especialistas de diversas áreas para realizarem um "laboratório de campo. De 25/9 a

09/11/92, todos os assentados com mais de 12 anos participaram dos mais de 20 cursos. Vieram voluntários de todos os lugares colaborar com palestras: profissionais da EMBRAPA, EMATER e CAPA (órgãos agropecuários), das Prefeituras e pessoas de muitas Pastorais da Igreja. Foram cursos de todo tipo: administração rural, contabilidade, lavoura, gado leiteiro, ovino e suinocultura, culinária, construção civil, comunicação escrita etc. E a partir daí, os setores se especializaram e se desenvolveram (ver box).

## A divisão do trabalho em setores

A organização e divisão dos serviços na cooperativa dá ótimos resultados. Por que economiza-se tempo, dinheiro e se melhora a produção final. Os setores e seus coordenadores são os seguintes:

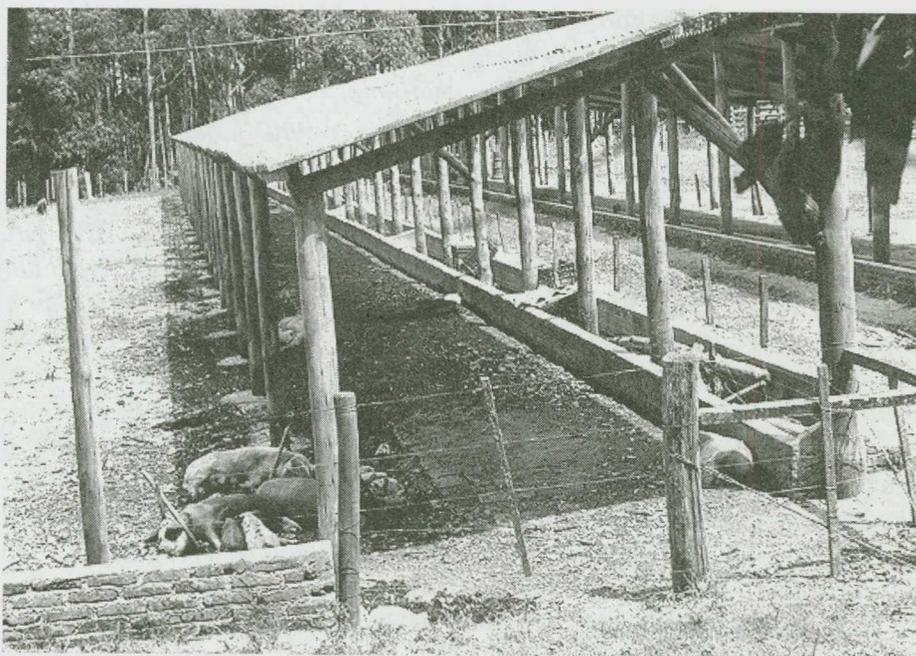
**ADMINISTRAÇÃO** — *"É responsável tanto por pedir financiamentos, orientar a produção e vender, quanto fazer pequenas e grandes compras e pagar os sócios da cooperativa. Somos 5 da administração: Um das finanças; os assessores de mercado externo, lavoura e departamento de pessoal; e eu que cuido da coordenação do trabalho dos setores".* (Francisco Assis Venâncio, 34 anos).

**LAVOURA** — *"Somos em 35 pessoas e trabalho é o que não falta, porque a propriedade é enorme e a terra é boa. No ano passado colhemos muito milho, batata, feijão e trigo, além de cenoura, abóbora e melão para semente. A partir do*

*meio do ano, com a assistência dos 'piás' (agrônomos) e a compra dos tratores, começamos a organizar a lavoura: solos, insumos, plantio, colheita e armazenagem".* (José Hilmar Wolfart — "Alemão", 27 anos).

**POMAR** — *"Como são 74 hectares de chácara e ninguém sabia lidar com pêssego — porque somos todos do norte do Estado — foi muito difícil*

*no início. Mas fomos pegando o jeito e a produção foi ótima, sem usarmos veneno. Por isso conseguimos mercado certo de 200 toneladas de pêssego para a indústria. E com os menores, que a indústria não aceita para conservar, estamos transformando em pêssegada na fabriqueta e vendemos por um preço bem maior do que o da fruta".* (Miguel Venâncio, 29 anos).



**A cooperativa tem vários confinamentos como este, onde criam porcos e gado leiteiro. Os grandes estábulos são herança da fazenda anterior, que tinha muito gado de corte.**



**Na falta dos tratores, eles usam cavalo ou uma junta de bois para capinar as enormes lavouras de milho.**

**ANIMAL** — *Na produção animal, investimos mais em gado leiteiro — para alimentação e venda de leite — desde que compramos 40 vacas e uma ordenhadeira elétrica com um empréstimo. São hoje 117 bovinos e neste ano talvez já comecemos a inseminação artificial. Já estamos desenvolvendo bem a suinocultura e começando com ovelha e abelhas*. (José Elpidio da Silva, 38 anos, na ausência do coordenador — Adão).

**HORTA** — *“A terra era dura e ruim, então tivemos que estercar e capinar bastante. Depois que foi comprado o irrigador artificial para puxar água do açude, a horta está uma beleza e até vendemos para fora. Porque são mais de 1,5 hectares e plantamos de tudo: cebola, milho-doce, alface, salsa, repolho, beterraba, rabanete, couve, alho, mostarda, rúcula, tomate, cenoura, nabo, pepino, almeirão...”* (Manoel Osvino da Silva, 45 anos).

**RESTAURANTE** — *“Faz uns 6 meses que o refeitório está organiza-*

*do e só em 7 pessoas fazemos a comida para mais de 150. Assim se economiza muito mais óleo, trabalho e tempo, do que se cada um fosse fazer a sua comida em casa. Fazemos tudo no fogão a lenha, e lenha é o que não falta. A alimentação básica de manhã é pão, leite e café, e no almoço e janta: feijão, arroz, trigo, milho, legumes e verduras. Só compramos de fora o óleo, café e arroz. Mas carne mesmo é muito pouca*”. (Gentil Zanetti, 31 anos).

**CAPACITAÇÃO, CULTURA E LAZER** — *Temos muito trabalho e até fazemos cursos fora, com a direção estadual do MST. De cultura, promovemos bailes e noites com teatro, poesia, encenações. Fazemos cartazes e boletins de informação e jogos de futebol, bocha e vôlei. Além disso, somos responsáveis por fazer os cultos religiosos semanais, porque missa é só de vez em quando (fica muito longe da cidade). Mas nossa maior preocupação é com a educação. Temos uma creche com 26 crianças de 0 a 6 anos e mais 31 crianças de 7 a 14 anos sem escola, porque*

*a Prefeitura ainda não legalizou o nosso ensino de 1ª a 5ª série, mesmo a gente tendo duas pessoas formadas em Magistério para dar aula aqui*”. (Otávio, 28 anos e Cleci Amaral, 30 anos, sua esposa).

**CONSTRUÇÃO** — *“Depois do Laboratório aprendemos melhor a construir e estamos levantando 3 casas. Por enquanto tem pouco serviço, porque não se tem dinheiro para comprar material. Mas com o tempo, todas as 50 famílias vão ter sua casa, num lote de 20m x 30 m. E a lavoura, o pomar, os animais e toda a terra vão continuar sendo de todos*”. (Adelino Prado, 34 anos).

**MÁQUINAS** — *“Os dois tratores usados que compramos, estão trabalhando dia e noite na terra. Para se ter uma idéia, o mais novo só tinha trabalhado 500 horas em 5 anos. Nós, só em cinco meses, já rodamos mais de 1000 horas*”. (Adir Biasuz, 32 anos).

## Trabalho comunitário

A cooperativa funciona da seguinte forma: o grupo se divide em 9 setores e todos trabalham juntos, inclusive as mulheres, que têm igualdade de direitos. Assim, cada um se especializa num serviço para fazerem as coisas melhor e mais rápido, aumentando a produção, como numa empresa capitalista. O princípio é o mesmo, mas o fim é outro. Porque é uma empresa comunitária, onde não há patrão, mas tudo é de todos, todos são os sócios e participam das decisões.

É uma espécie de auto-gestão, na qual eles se fortalecem em comunidade. Ao contrário dos pequenos produtores individuais, que com a família, acabam tendo que fazer diversas funções diferentes, produzindo em menor quantidade e qualidade, e assim vão empobrecendo, chegando inclusive a vender suas terras e ir para a periferia das cidades.

O trabalho na cooperativa é bem

distribuído e fiscalizado. Há controle da hora em que começam e terminam o serviço (no mínimo 8 horas por dia), porque cada um recebe conforme trabalhou. No almoço se juntam para pegar a comida no refeitório e logo fazem reuniões entre os setores — antes de voltarem ao trabalho às 14h. O trabalho coletivo bem programado traz várias vantagens: conseguem os empréstimos específicos para assentados (do Banco do Brasil), produzem em quantidade, armazenam, comercializam diretamente e até estão começando com fabricação própria de alguns produtos. Dominando todos os processos, eliminam os “atravessadores”, que sempre ganham muito mais do que o próprio produtor.

## Assentamento-modelo

Toda esta organização e disposição para se desenvolverem, é por-

que precisam gerar capital para pagarem os empréstimos que fizeram, e querem produzir o melhor possível na terra que receberam. Um boletim interno do Assentamento, do mês de novembro/92, trazia a seguinte frase: “Nosso compromisso é grande na construção e demonstração prática da proposta de cooperativa agrícola do Movimento dos Sem-Terra. Para provarmos que a Reforma Agrária dá certo e pode ser uma proposta de desenvolvimento para o Brasil”.

Segundo um membro da Administração, Pedro Ardenghi de Campos, 36 anos, “a nossa cooperativa aqui é um assentamento-modelo no país. Primeiro, porque é a única totalmente comunitária, todos são sócios e não tem nenhum separado; ela também está sendo a primeira com assistência técnica permanente dos agrônomos (ver box)”.

“Além disso — continua — é a única grande propriedade aqui da região que produz grãos (milho, trigo, feijão) e os vizinhos vêm comprar de nós; nós temos gado leiteiro e muitos outros animais e investimos bastante na agricultura, enquanto que o antigo proprietário só tinha pecuária e pêssego. Por isso, a nossa cooperativa compete na agro-indústria com qualquer outra empresa capitalista, em quantidade e qualidade”.

**Com orgulho,  
os assentados  
seguram  
a bandeira do MST,  
movimento em que  
se integram  
na luta  
pela terra.**



## Agronomia e Pastoral da Terra

Estes dois jovens de 24 anos, formados em Agronomia há pouco mais de meio ano, estão dedicando todo o início da vida profissional a este grupo de agricultores assentados. Os dois são filhos de colonos e há muito tempo já desenhavam este ideal: aliar o trabalho profissional a uma atividade realmente popular e pastoral. São, César Aldrighi e Marcelo Santos de Souza, membros da Pastoral da Terra (PT) e da Juventude Rural (PJR).

**AM** — *Como vocês vêem a política agrícola do Governo Federal?*

**CÉSAR** — Com este neoliberalismo em toda a América do Sul, passa a haver um "Estado mínimo" e são as leis do mercado que regem o sistema rural. Daí o governo não intervém mais, diminuindo os subsídios para a produção e cortando os empréstimos para o pequeno agricultor.

**MARCELO** — Então, aí a lei é produzir BOM, BARATO e BASTANTE, para se competir no mercado. E esse esquema acaba com o pequeno agricultor, porque ele não tem especialização, insumos, tecnologia e extensão de terra.

**AM** — *Qual a melhor saída para o produtor rural hoje?*

**MARCELO** — Como o produtor individual está em processo de extinção, a tendência é só se sustentarem os grandes proprietários, que produzem em escala agro-industrial com mercado certo, mas ficando entre quem produz os insumos e condiciona-

dos a vender para quem industrializa e distribui. A outra alternativa, que é a melhor, é os pequenos agricultores se unirem em sistema de cooperação. Cooperativas como esta aqui, onde os trabalhadores são os próprios administradores e lidam juntos com a agricultura, a fabricação e o comércio.

**AM** — *Quais as vantagens de produzir assim em propriedade coletiva?*

**MARCELO** — No sentido político: por estarem juntos, os agricul-

trabalho e nas decisões, e onde os mais humildes também têm seu espaço.

**AM** — *Vocês estão trabalhando justamente naquilo que idealizavam?*

**CÉSAR** — Sim. Como filhos de colonos, sempre sentimos na pele o abalo e os problemas causados por este modelo de desenvolvimento concentrador e excludente. Começamos a Universidade tendo em vista a busca de saídas para os trabalhadores em geral, algo que passa pela Reforma Agrária e pela distri-

buição de renda. Sempre nos interessamos pela busca de alternativas e melhoria de vida desta população, e como estudantes buscamos sempre extrapolar as fronteiras da Universidade, através da participação em Pastorais, sindicatos e partidos. E aqui estamos aplicando isto.

**AM** — *Como se sentem realizados pessoal e profissionalmente?*

**CÉSAR** — Estudávamos já com o objetivo de oferecer uma assistência técnica que fugisse dos padrões oficiais

do governo (EMATER/EMBRAPA), pois essa assistência oficial não atende aos reais problemas deste povo rural mais carente. E aqui no assentamento nós vimos a necessidade que o povo tem de nós, e conseguimos nos colocar como profissionais a serviço das pessoas.. E mesmo ganhando menos do que se estivéssemos em outro emprego, a gente se sente muito realizado. Além disso, faço um grande sacrifício por morar e trabalhar a 60 km longe da minha mulher, a Salete, que estuda e trabalha em Pelotas. Fico 80% do tempo longe dela e nos encontra-



**Da direita para a esquerda os dois agrônomos: Marcelo é o 3º, e César o 4º.**

tores têm uma produção de maior volume e qualidade. Assim, podemos impor mais diante do mercado.

**CÉSAR** — Tem também vantagem no aspecto social. Com a propriedade coletiva, quebra-se a centralização e a ordem patriarcal rural, onde a terra passa do avô, para o pai e depois para o filho. Numa cooperativa como esta, esse esquema tradicional é rompido e há maior igualdade e politização das pessoas. E abre-se uma proposta de revolução cultural no campo, com a radicalização da democracia, com a maior participação da mulher no

mos só no fim de semana.

**MARCELO** — Eu me sinto muito realizado como profissional, porque estou trabalhando com a agricultura, com as técnicas. E pessoalmente, porque somos também apaixonados pela causa popular e podemos ajudar este povo a se libertar e se desenvolver...

**AM** — *Como membros da Pastoral da Terra, como se sentem trabalhando com este grupo de assentados?*

**CÉSAR** — A comunicação entre nós é boa, porque a maioria dos agricultores sem-terra tem sua origem nas igrejas (católicas, luterana, episcopal). Incentivados pelos próprios padres, freis, pastores e agentes de pastoral, eles se unem na esperança e luta pela terra.

**MARCELO** — Eu vejo como uma grande atividade pastoral o trabalho com os assentados. Esta luta popular é uma luta cristã. A luta pela terra, por uma vida digna, a resistência nas pequenas propriedades e a vida de forma cooperativa, são uma forma de se buscar a formação de um homem novo.

**AM** — *Como é a vida espiritual de vocês aqui, tão distantes de igrejas e com uma missa a cada um ou dois meses?*

**MARCELO** — Em tudo o que fazemos, sempre levamos a fé junto com a política e a ação. Da minha identificação com a Teologia da Libertação, vejo a mística e a vida concreta sempre unidas. Deus e mundo são coisas inseparáveis. Até acho que quanto mais estivermos imersos no mundo, mais nós conseguimos sentir Deus e amá-lo nas pessoas.

*Jaime Kaster é jornalista*

# Forma e sistema de governo



Ivônio Barros Nunes



*“Como um regime político e uma forma de governo, possibilitam: — maior participação; maior controle de sociedade sobre os governantes; maior transparência da atividade governamental; maior corresponsabilidade entre os poderes; maior eficácia para resolver os problemas nacionais?”*

(CNBB 26.11.92)

## Monarquia

No plebiscito de 21 de abril, o eleitor brasileiro também vai decidir se o país continuará sendo uma República, tal como ocorre desde 1989, ou optará pela Monarquia Constitucional, voltando a ter um rei, como no Império.

Monarquia quer dizer governo de um — monos (só) e arkhein (comando): governo de um só. É uma forma de governo muito antiga. Desde a antiguidade vimos vários tipos de monarquia. Mas, hoje, quando se fala em monarquia está se referindo ao tipo de monarquia moderna, que impera no Mundo de dois séculos para cá. Onde o rei (ou a rainha) perdeu muito de seu poder absolutista e passou a submeter-se a um Parlamento eleito pelo povo.

As monarquias modernas são fruto de um longo processo de desenvolvimento político de cada país onde elas existem. Foram fruto de longa lutas políticas, guerras, revoltas e revoluções sufocadas. Aquelas que permanecem até os dias de hoje, são fruto de pactos entre as classes dirigentes, que mantiveram seus reis e rainhas como poderes moderadores entre as elites. Em muitos casos, as monarquias foram sempre símbolo de exclusão do povo da vida política do país. Por isso muitos estudiosos afirmam que as monarquias sobreviveram por causa de pactos das elites contra o povo.

No Brasil, a monarquia foi importada. Era o sistema vigente em Portugal quando foi proclamada a independência do Brasil. O filho de

Dom João VI, rei de Portugal, foi coroado imperador do Brasil pelas elites locais. Ele depois renunciou e assumiu seu filho, Dom Pedro II.

Naquela época a monarquia brasileira já era uma monarquia constitucional. O rei não podia fazer tudo o que desejasse, havia um Parlamento que cuidava de grande parte dos negócios do Estado. Mas sempre a figura do imperador foi predominante na composição dos governos e na solução de disputas entre as elites governantes.

Um longo período de crise econômica e política, no final do século passado, fez com que a monarquia fosse substituída pela república.

Mas mesmo com a república, a participação do povo na política é algo muito recente em nossa história. Na verdade, somente depois da década de 30 é que começamos a ver uma maior participação popular na política brasileira, mesmo assim com muitas restrições.

Caso a monarquia volte a ser a forma de governo do Brasil, não se sabe ainda como será organizada. Até mesmo aqueles que dizem ser a Família Real brasileira estão brigando para ver quem é que seria o rei do Brasil.

## República

Também a idéia de República vem da antiguidade. Ela tem origem no latim “respublica”, que significa coisa pública, de interesse do povo. Mas como a monarquia, ela tem significado histórico e assim se diferenciou da monarquia por ser um governo democrático, contra o governo de um

só, que era a monarquia. Com o desenvolvimento político dos povos, entre eles aqueles que têm governos monárquicos, essa distinção foi sendo reduzida, pois as monarquias foram adotando as características da república.

Com a independência americana e a Revolução Francesa, dois marcos fundamentais de nossa história contemporânea, a idéia da república ganhou a forma de governo do povo, com dirigentes eleitos e com mandamentos renováveis.

Já no século XVIII, no Brasil, a idéia da república tinha adptos. Tiradentes foi o primeiro mártir de nossa história a lutar contra o arbítrio da monarquia portuguesa. O Brasil que ele desejava era republicano, democrático e desenvolvido. Esses ideais marcaram nossa história. Várias outras rebeliões e revoluções foram marcadamente republicanas. Isto porque a idéia que sempre se teve é de que república é a forma de governo mais democrática.

Muitos críticos da república no Brasil têm certa razão em dizer que essa forma de governo jamais foi plenamente democrática. É certo, mas isso não se deve à forma de governo em abstrato. Cada forma de governo evolui com seu povo, é resultado de suas aspirações e lutas, também de seus pactos. As elites dirigentes brasileiras sempre foram muito autoritárias e temeram muito o povo, por isso tiraram-lhe oportunidades de governo e participação. Mas isso não significa que a idéia republicana esteja errada, o que é necessário é avançar na construção de uma república democrática e popular, que, a partir da organização do povo, seja erguida sobre bases participativas e populares.

No plebiscito, a escolha será entre duas formas de república, a parlamentarista ou a presidencialista.

*Ivônio Barros Nunes é diretor do INED — Instituto de Educação a Distância e Apoio Comunitário e Assessor Técnico do Senado Federal.*

# Santo Domingo: A nova evangelização

*João Batista Libânio*

O Papa determinou como um dos temas da Assembléia de Santo Domingo a Nova Evangelização. A primeira pergunta que surge é: por que fazer uma nova evangelização?

A antiga não valeu? É uma maneira de romper com o passado?

Nada disso. A evangelização pode ser sempre nova, porque sua fonte é inesgotável. Dela mana sempre água nova. É o evangelho de Jesus. Nunca a mente humana conseguirá esgotar definitivamente esse manancial de verdades, de valores, de beleza,

de esperança, de possibilidades para a humanidade.

Além disso, o evangelho é uma proposta que quer vir de encontro aos desejos, expectativas, necessidades, aspirações dos seres humanos. Há alguns anseios que são de sempre. Há uma busca profunda do ser humano que atravessa os tempos. Há uma cavidade funda no coração humano que está sempre a

espera da substância que a encha.

Enquanto resposta às constantes humanas, o evangelho é o mesmo no conteúdo e na forma. É sempre boa-nova, é sempre conversão

para o irmão, e sempre saída de si, é sempre nova relação de convivência baseada na fidelidade, na transparência, e no amor. Nunca trocará o amor pelo ódio, a doação pelo egoísmo, a saída de si pela busca do eu, a liberdade pela subserviência, a libertação pela opressão, o respeito pela imposição, o serviço pela prepotência. Nesse sentido, nunca

haverá “nova evangelização”, porque de nova teria somente o nome. Seria tão velha como o pecado, o mal, a dominação.

Há, porém, novos desafios que vão surgindo com o tempo. Eles são perguntas. A evangelização é a resposta. À nova pergunta, nova resposta. Os desafios nascem da realidade concreta. Exigem, antes de tudo, um olhar que os capte. Uma

**A Nova  
Evangelização  
chama-se,  
antes de tudo,  
opção  
renovada e  
firme pelos  
pobres.**

inteligência que os entenda. Uma liberdade que os assuma. Uma vontade que queira responder a eles. Isso foi Santo Domingo: olhar, inteligência, liberdade e vontade.

O olhar da fé bateu sobre nossa realidade. Ficou estonteado. Viu horrorizado um gigantesco povo pobre a gritar pela sua libertação. Ouviu este clamor que em Medellín soara surdo, em Puebla ameaçador, em Santo Domingo escandaloso.

A Nova Evangelização chama-se, antes de tudo, opção renovada e firme pelos pobres. Colocar-se, como Jesus samaritano, ao lado da vítima. Esquecer, se for necessário, até a função do templo (sacerdote), ou a leitura da Escritura (levita), para descer de seu cavalo e carregar a vítima até a próxima hospedaria.

Nova Evangelização é diálogo com a modernidade. Palavra bonita, que está enchendo a boca de muita gente. Ainda mais elegante, quando recebe um pós(-modernidade). Ouvimo-la nos comícios, nos sofridos meses do falido governo Collor. Ela justificou achatamento salarial, venda do patrimônio do povo a interesses espúrios por dinheiro podre, a dispensa de empregados, gestos histriônicos de exibicionismo surpreendentes.

A modernidade em nosso continente tem duas caras. A cara da tecnologia avançada, da emancipação da razão e das liberdades, da inviolabilidade do mundo interior, da descoberta da intimidade subjetiva. O evangelho tem de responder a todas essas questões. Uma moral

rançosa e velha já não dá conta. Uma medida por demais rígida e objetiva não contempla a originalidade e diferença das pessoas. Há toda uma nova evangelização da subjetividade, da intimidade, da liberdade pessoal, do respeito à singularidade de cada pessoa.

Modernidade na América Latina tem um lado avesso. Chama-se fome, miséria, desemprego, favela,

vazio. É sofrer o impacto de uma propaganda, de um ritual, que a condição humana econômica não permite seguir. E no desequilíbrio gerado, todo recurso ao dinheiro fácil, pela corrupção, pelo narcotráfico, pelo jogo clandestino, pela contravenção, se torna uma imposição.

A nova Evangelização é desafiada pelo conúbio da modernidade e pobreza, técnica e fome, elegância e carência do essencial, exibição e realidade de penúria. Ela se fará à base de profundas transformações, para que os dois lados da modernidade se aproximem em vez de distanciarem-se. A aproximação significará necessariamente tirar do colorido da modernidade rica em benefício da modernidade carente e despojada.

A Nova Evangelização marcará sucesso se a próxima década mudar de nome: de perda para justa. Assim na ponta da Nova Evangelização se encontrará um país em que os extremos se aproximaram não por uma concórdia nominal, por uma reconciliação verbal, por um gesto de puro simbolismo, mas por uma real distribuição de rendas, por um romper do *apartheid* dos ricos, não pela violên-

cia e assalto, mas pela justiça distributiva.

**Na ponta da  
Nova Evangelização  
se encontrará um país  
em que os extremos se  
aproximam... por  
uma real distribuição  
de rendas, por um  
romper  
do *apartheid* dos ricos  
e pela justiça  
distributiva.**

migração interna e emigração para o Norte rico. Modernidade são as terras indígenas sendo ocupadas por madeiras, por mineradoras, por empresas agrícolas de capital alienígena. Modernidade é ter televisão colorida em casa, mas carecer de água encanada. É ter uma geladeira, mas vazia de alimentos. Trajar roupas da moda com o estômago

---

*João Batista Libânio é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia e Diretor na Faculdade de Teologia do CES, Belo Horizonte, MG.*

# Dia Internacional da Mulher



## História da consciência da mulher

8 de março de 1857 — Em Nova Iorque, Estados Unidos, as operárias das indústrias têxteis, reagindo às péssimas condições de trabalho, entram em greve. Reivindicam igualdade salarial e redução da jornada de trabalho de 14 para 10 horas diárias. As manifestações organizadas nas fábricas são fortemente reprimidas e 129 operárias são queimadas vivas dentro das fábricas. E em 1975, a Organização das Nações Unidas institucionaliza o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher.

## O Movimento Feminista

136 anos passaram! A luta da mulher por seus direitos não pára

mais. O Movimento Feminista se inicia, a partir do século XIX, com a revolução industrial, e se amplia cada vez mais. A exploração do trabalho, sobretudo o da mulher e das crianças, leva a uma tomada de consciência e faz a mulher exigir mudanças. Em 1869, nos Estados Unidos, cria-se a Associação Feminina Nacional pelo direito ao voto. Em 1888, é fundado o Conselho Internacional de Mulheres com o mesmo objetivo. Só no século XX, porém, a mulher consegue o direito ao voto: nos Estados Unidos, em 1920; no Brasil, em 1931; na França e no Japão, em 1946.

## Direitos civis

Numa primeira fase, o Movimento Feminista busca a emancipação da mulher exigindo direitos civis, admissão à cultura, acesso ao trabalho, direitos no âmbito sexual e familiar. Suas exigências são aceitas pelas Nações Unidas, em 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e completadas com a Declaração de 1967, denunciando a discriminação da mulher.

## Incentivo e legitimação às reivindicações

Durante as últimas décadas, milhões de mulheres, atuando em comum com outras forças progressistas, atraem a atenção da opinião pública, nos níveis nacional e internacional, sobre seus problemas. Isto impulsiona as Nações Unidas a de-

clarar o ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher, seguido pela Década da Mulher (1976-1985). Surge, então, uma nova onda de feminismo em todo o mundo, fortalecida agora por organizações governamentais e não-governamentais que se dedicam à pesquisa e ao estudo da condição da mulher na sociedade. Incentivam e legitimam as reivindicações dos movimentos de mulheres.

## As lutas da mulher brasileira

No Brasil, a mulher retoma a luta por seus direitos e mobiliza-se principalmente, em torno de bandeiras democráticas, como a luta pela anistia, pela abertura política, por eleições diretas (para Presidente da República) e contra a carestia. A questão da cidadania feminina deixa os guetos feministas e ganha importância nacional. Advogadas engajadas no movimento se dedicam a estudos sobre os direitos da mulher, formulando propostas de mudança de legislação que permitam a melhoria da condição jurídica da mulher na sociedade:

## Conselho Nacional dos Direitos da Mulher

Em 1985 é criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) pelo Presidente da República, com a aprovação do Congresso Nacional. O Conselho represen-

ta a articulação do movimento social de mulheres com o Poder Executivo e o Poder Legislativo. O CNDM se estrutura em comissões de trabalho nas áreas de saúde, educação, violência, creches, legislação, cultura e trabalho.

## Momento atual

A fase atual do Movimento Feminista se caracteriza pela crítica à sociedade androcêntrica, sociedade construída a partir da lógica, dos interesses e da dominação masculinas. Procura construir uma sociedade onde mulher e homem tenham os mesmos direitos, onde não haja discriminação e opressão baseada no sexo, mas onde ambos possam dar contribuição própria.

## A mulher na Igreja de AL

Na Igreja da América Latina, o debate sobre a libertação da mulher é ainda recente. O Movimento Feminista nem sempre é visto com bons olhos. É considerado laicista, anticlerical e socialista. Mesmo assim, o debate penetrou no interior da Igreja e o fenômeno não pode mais ser ignorado.

## Na Igreja do Brasil

Por ocasião do Ano Internacional da Mulher (1975) inicia-se na Igreja do Brasil uma reflexão mais sistemática e abrangente sobre a mulher, partindo da realidade e levando em conta os diferentes movimentos feministas existentes. Também contribuem para o debate: a nova consciência eclesial, a opção pelos pobres e marginalizados, a atuação das mulheres nas CEBs, os movimentos e associações popula-



res, a participação ativa da mulher na Igreja, os pronunciamentos sobre a mulher nos documentos da Igreja — *Pacem in Terris*, *Gaudium et Spes*, *Medellín* e *Puebla*.

**Nota** — *Diversos Congressos e Encontros de Mulheres Teólogas se realizam: 1979 — Congresso de Tepeyac — México; 1981 — Encontro em San José — Costa Rica; 1985 — Encontro em Buenos Aires — Argentina; 1985 e 1986 — Encontros nacionais em Petrópolis e Rio de Janeiro; 1986 — Encontro intercontinental de mulheres da América Latina, África e Ásia, em Oaxtepec — México.*

## Mulher na igreja

*Pedro Casaldáliga*

“O protagonismo da mulher, ou sua igualdade com o homem, em dignidade, responsabilidade e participação, caiu ultimamente sobre a mesa de debates com fatos novos, com maior pressão, na Igreja e na sociedade. É evidente que a reivindicação dos direitos eclesiais para a mulher continua de pé, como se viu no 3º Encontro da Campanha de Resistência Indígena, Negra e Popular, realizado na Nicarágua, em outubro de 1992, e também no 8º Encontro Intereclesial das CEBs, em Santa Maria, RS.

Em Madri, Espanha, a mulher foi o tema do 12º Congresso de Teologia, celebrado no mês de setembro de 1992, que tinha como lema: “E Deus criou a mulher...” Nesse Congresso, as mulheres, quase exclusivamente elas, deram umas contribuições, lúcidas e apaixonadas ao mesmo tempo, que não se podem deixar de lado, em boa consciência cristã.

Sei qual é a disciplina atual da Igreja sobre o assunto e a respeito, em princípio. Porém, a mim e a muitíssimos cristãos do mundo, não convencem os argumentos supostamente bíblicos ou teológicos que se manejam para negar às mulheres o ministério eclesial ordenado.

E não posso compartilhar, em consciência, esse escândalo que se levantou — dentro da própria Igreja Anglicana ou em nossa Igreja católica — pela aprovação da ordenação sacerdotal de mulheres. Não acabará sendo um feito providencial, que custará sim traumatismos e incompreensões, sobre o qual, porém, falarão futuramente, como de uma bênção fecunda, o Espírito e o Povo de Deus?”

*(Extraído da Carta aos Amigos, “Pelos caminhos de Emaús neste crepúsculo neoliberal”, início de 1993).*

# Paz inquieta

*Rigoberta Menchú Tum, primeira indígena a receber o Nobel da Paz vê no prêmio um estímulo "à luta das mulheres, dos povos indígenas e pelos direitos humanos na América Central, na América Latina e no mundo todo".*

*A matéria e a entrevista foram extraídas da revista Sem-Fronteiras, Jan-fev.93.*

*Rigoberta Menchú Tum, 34 anos, é o Nobel da Paz 1992. Um "símbolo vivo" da paz disse um dos membros da Fundação Prêmio Nobel.*

*Dor e sofrimento,*

*"Ela é uma mulher indígena que sabe o que é dor e sofrimento" disse Adolfo Pérez Esquivel, Nobel da Paz 1980, que apresentou a candidatura de Rigoberta ao prêmio.*

*Com apenas 8 anos Rigoberta já ajudava os pais nas colheitas de algodão e café em fazendas no sul da Guatemala distante de Sam Miguel Uspastán, sua aldeia natal, ao noroeste do país.*

*Rigoberta no exílio desde 1981 e mundialmente conhecida pelo seu empenho em favor dos direitos dos povos originários da América, a dirigente indígena guatemalteca chora ao ficar sabendo da notícia. Nada de mérito pessoal, ela afirma. "É mérito da luta do meu povo, que tanto anseia pela paz." Oxalá o prêmio ajude a romper o silêncio em torno do seu país. "A Guatemala não impressiona por nada. Não impressionaram o mundo os 45 mil desaparecidos, nem os massacres, as quatrocentas aldeias indígenas destruídas, os mais de 1 milhão de refugiados ou as crianças de rua."*

*Experiências muito tristes dessa época ficaram gravadas em sua memória: os latifundiários e seus capatazes, o salário miserável, a*



*dívida de sempre, a fome, o desprezo que os índios sofriam e a morte, tantas mortes.*

*Como aconteceu com seu irmão Felipe, que nem chegou a conhecer. Morreu intoxicado, quando usaram um avião para pulverizar a plantação de café onde a família trabalhava. Ou com Nicolas, seu irmãozinho de 2 anos, que morreu de desnutrição numa outra fazenda. Nem sequer podiam enterrar o pequeno na fazenda. Foram despedidos sem receber nada, conta Rigoberta, no livro "Eu, Rigoberta Menchú", lançado na França e traduzido para diversos idiomas. "Recordo o trabalho naquela fazenda como uma das minhas primeiras experiências e sinto ódio. Um ódio que até hoje não consegui superar."*

## Morte de uma amiga

Numa fazenda de algodão, alguns anos mais tarde, ela vê morrer intoxicada sua grande amiga Maria. Era catequista, como Rigoberta, e havia confessado a ela que jamais se casaria. Não suportava a idéia de ter filhos e vê-los morrer de fome, de sofrimento ou doença.

A morte da amiga fez crescer em Rigoberta o ódio contra tudo o que as famílias indígenas tinham que sofrer nas fazendas. Vinham-lhe à mente as imagens de sua mãe, rosto suado, trabalhando sem parar, nunca reclamando, e a família sempre devendo. "Mãe, não quero continuar vivendo! Por que vocês não me mataram quando eu era pequena?", diz à sua mãe, logo após a morte da amiga. A mãe a censura. Como dizer tamanha loucura? "Mas, para mim, não era loucura. Era coisa muito séria", assegura Rigoberta.

Na época, tomou uma decisão: nunca mais trabalharia nas fazendas. Assim, descalça, somente com a roupa do corpo e sem saber falar a língua dos brancos e mestiços (o espanhol), a jovem Rigoberta, seguindo a trilha de muitas outras jovens indígenas da região, foi trabalhar de empregada doméstica na capital Guatemala. Não suportou o desprezo, os mastratos e a explo-

ração. “A patroa me tratava como não sei o quê. Não posso nem dizer como um cachorro, porque o cachorro dela era tratado muito bem”, diz.

## O pai e a mãe

Vicente Menchú e Juana Tum, os pais de Rigoberta, se incorporaram à luta popular no final da década de 70, em defesa das terras e dos direitos dos indígenas. Do lado contrário, dispostos a tudo, estavam os grande latifundiários e os militares, numa época em que o simples fato de alguém ter uma Bíblia em casa já era motivo suficiente para ser acusado de subversivo, com todas as consequências que daí podiam derivar.

A reação não se fez esperar por muito tempo. Vicente foi encarcerado e um dos seus filhos, Petrocínio, de 16 anos, queimado vivo junto com outras pessoas da comunidade, após ter sido preso e brutalmente torturado pelos militares.

Em 31 de janeiro de 1980, o pai de Rigoberta participou da ocupação

da embaixada da Espanha da Cidade da Guatemala. Era um protesto pacífico contra a injustiça e a repressão que sofriam, principalmente, os indígenas, que constituem a maioria da população do país. O exército ateou fogo ao edifício, causando a morte de Vicente e seus companheiros.

Três meses depois, foi a vez de Juana. Sequestrada e torturada ao extremo durante vários dias, a mãe de Rigoberta acabou morrendo à míngua num bosque, sendo vigiada pelos soldados e tendo o seu corpo servido de pasto aos animais.

## Uma mulher de luta

A dor e o sofrimento que marcaram a vida de Rigoberta também a formaram para a resistência e luta em favor do seu povo e de todos os oprimidos do continente. “Não sou dona da minha vida”, declarou certa vez, “pois decidi oferecê-la em favor de uma causa”.

Já no tempo em que era catequista, ela diz, aprendeu “a caminhar sobre a terra, não acreditando que o Reino de Deus é uma coisa somente para depois da morte”. Descobriu, depois de tudo o que viu e sofreu, “qual o papel de um cristão nesta terra e qual o papel de um cristão na luta”.

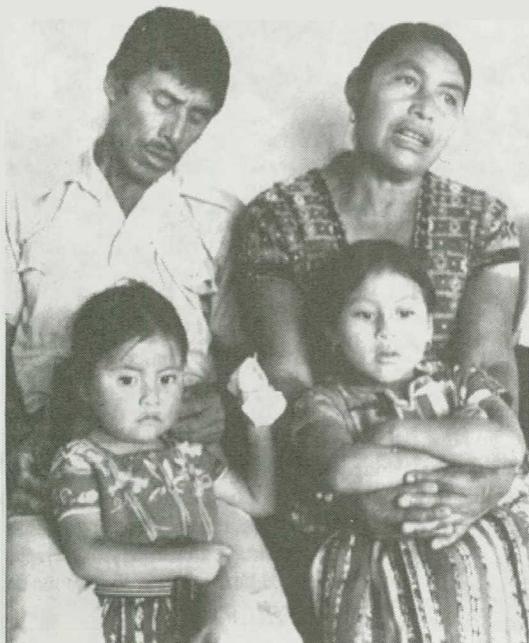
**A maioria da população Guatemalteca é descendente direta do povo maia, que habitava a região antes da chegada dos europeus.**

Em 1979, quando tinha 20 anos, passou a integrar o Comitê de Unidade Camponesa, tornando-se membro do seu quadro de dirigentes, sete anos depois, quando já vivia no exílio. Em 1982, participou da fundação da Representação Unitária de Oposição Guatemalteca, que tem desempenhado um ativo papel em favor da justiça, democracia e paz no país. No mesmo ano, começou a atuar na Organização das Nações Unidas (ONU), como membro do grupo de trabalho que trata de questões indígenas.

Desde então, Rigoberta vem se dedicando, como ela mesma repete, a “romper o silêncio” reinante sobre a realidade de seu país e dos povos indígenas do continente e do mundo. Nos últimos seis anos, junto com outros delegados indígenas, trabalhou para que a ONU escolhesse 1992 como Ano Internacional dos Povos Indígenas. Não deu certo como queria. Ficou para 1993. No mesmo sentido, tem batalhado para que seja aprovada a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas, proposta esta que se encontra atualmente em discussão.

Hoje, Rigoberta anda pelo mundo, sorridente e inquieta. Não se cansa. Garante que vai voltar para a sua terra, um dia.

E aos que lhe perguntam como foi que a pobre menina indígena acabou se tornando uma espécie de diplomata, com fama mundial, ela responde que daria tudo para estar com os seus companheiros, fazendo o que é preciso fazer, lá na Guatemala. Gostaria de ter uma casinha e um casal de filhos, se dedicar à família, mas sabe que isso não é possível. Como deixar de lado o que se tornou parte sagrada de sua vida? “A exigência da história é muito maior. A exigência dos povos é muito maior. E é preciso assumir isso”, revela.



## Entrevista com Rigoberta Menchú Tum

*O que representa para você o Nobel da Paz?*

**Rigoberta** — O Nobel é uma mensagem forte, não somente para o povo guatemalteco, mas também para todos aqueles que nos acompanharam nos tempos difíceis, para fazer com que a Guatemala se tornasse notícia no mundo. O Nobel é também um estímulo à luta das mulheres, dos povos indígenas e pelos direitos humanos na América Central, na América Latina e no mundo todo.

Acredito que temos uma grande responsabilidade neste momento: fazer com que o Nobel represente o início do fim do silêncio que até hoje reina sobre a Guatemala. E que seja o início, também, de uma solidariedade e de uma amizade mais concreta e contínua para com a Guatemala.

*Governo e guerrilheiros estão negociando a paz na Guatemala. O que você acha desse diálogo?*

**Rigoberta** — Nós queremos a paz e acreditamos no diálogo como única maneira de se encontrar uma solução para o conflito armado interno. É um caminho correto. Porém, essa paz tem que significar primeiro a solução das causas que originam o conflito. Paz não é somente ausência de guerra, combates ou enfrentamentos armados. Paz é também ter comida, uma casa digna, respeito mútuo, respeito entre os povos.

*Este é o Ano Internacional dos Povos Indígenas, declarado pela ONU, e você tem sido uma das artífices da iniciativa. Inclusive, da proposta de uma Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas. Poderia dizer algo sobre isso?*

**Rigoberta** — Este Ano internacional nos custou praticamente seis anos de conversas nos corredores das Nações Unidas. O texto que apresentamos inicialmente à ONU dizia: pedimos que as Nações Unidas declarem 1992 como Ano Internacional de Solidariedade com a Resistência e Luta dos Povos Indígenas da América e do mundo. Houve muita discussão, e os governos americanos se esforçaram para eliminar as palavras “resistência” e “luta”. Acabou ficando assim: Ano Internacional dos Povos Indígenas. E ficou para 1993. É a primeira vez que a ONU declara um ano especi-

al, em nível mundial, para os povos indígenas.

Uma Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas ajudará a fortalecer a luta que levamos em frente no interior de nossos países. Uma legislação nacional não é uma garantia absoluta para que nós, indígenas, possamos florescer, viver, perder essa cara de tristeza e pobreza que hoje temos, desenvolver as nossas culturas e contribuir, assim, para a cultura universal.

Não é que acreditemos que apenas com leis e papéis se possam resolver os problemas existentes. Não. Lá na Guatemala, por exemplo, a nossa gente está trabalhando na montanha, caminha, cresce em consciência e se organiza. Esta é uma área de trabalho. A outra é a político-diplomática. Ambas são partes de uma causa comum. □



# História da Igreja do Brasil

*Eugênio Dirceu Keller*

No final do século XVIII, o Brasil contava com aproximadamente três milhões e duzentos mil habitantes. A metade era composta por trabalhadores escravos, em sua maioria negros. O Brasil ainda era colônia de Portugal. Acontece que a situação sempre piorava, porque apesar de toda a riqueza que possuía, nada ficava no país. Era preciso pagar impostos ao rei de Portugal e o desejo de ver o país livre foi crescendo aos poucos em muitas pessoas.

Em 1789 os mineiros tentaram libertar o Brasil. Organizaram-se para lutar contra os portugueses, mas o movimento foi desfeito por causa de alguns traidores. O movimento ficou conhecido como Inconfidência Mineira. Os baianos também tentaram tornar o país livre com a chamada Conspiração Baiana, que resultou em fracasso.

O sonho de ver o Brasil livre não foi realizado então, mas uma coisa ficou certa: a semente estava lançada e o Brasil cedo ou tarde poderia caminhar com seus próprios pés.

De 1808 até 1821, o rei de Portugal viveu no Brasil. Não foi por uma visita de cortesia e nem era seu plano, viver numa colônia. O rei veio fugido por causa do Bloqueio Continental imposto por Napoleão Bonaparte e só depois de sua queda é que Portugal pôde novamente viver em tranquilidade. Até que isso não aconteceu, o rei permaneceu

no Brasil. Com o rei, algumas coisas boas aconteceram como por exemplo a abertura dos portos para outras nações, foram incentivadas algumas indústrias como a siderurgia e a tecelagem, foram liberadas

**A participação da Igreja no processo da independência do Brasil.**

**O clero ajudou e muito a apressar a independência, pelos discursos, pelos escritos e até pela luta armada.**

as tipografias e o cultivo de algumas plantas. De qualquer forma, o Brasil ganhou com o tempo em que o rei aqui ficou.

Em 1821 D. João VI partiu e deixou o seu filho, Pedro I como príncipe regente. Sua missão era fazer com que o Brasil não se dividisse. Porém surgiu um grupo de pessoas influentes e começaram a pressionar o príncipe para que cedesse aos ideais de independência. Esta aconteceu e a Igreja teve um papel de destaque.

A participação do clero do Brasil na independência, mesmo nos movimentos anteriores a 1822, foi marcante. Os padres tiveram participação ativa como propagadores de idéias, utilizando meios como o púlpito e a imprensa para ajudar na formação da consciência dos brasileiros.

O meio mais eficaz para a propagação das idéias em prol da independência do Brasil foi o púlpito que alguns membros do clero utilizaram de modo brilhante. Entre esses oradores podemos destacar: — Frei Francisco de Sampaio — nascido no Rio de Janeiro, exerceu entre outros cargos, o de pregador da Capela Imperial. Dotado de grande inteligência, formou-se em Direito Público e Ciências Políticas. Muito respeitado por todos, inclusive famoso fora do Brasil, entrou na vida política defendendo os ideais de independência. Foi um dos principais mentores intelectuais do movimento e quando D. Pedro I ainda relutava em aceitar a independência, este exerceu grande influência sobre o futuro primeiro impe-

rador do Brasil. Um dos momentos que antecedeu a independência foi o famoso Dia do Fico. Frei Sampaio teve participação significativa. Ele elaborou o manifesto que em apenas uma semana coletou mais de oito mil assinaturas em favor da independência. No dia 9 de janeiro, o Dia do Fico, José Clemente Pereira fez o discurso, entregou o manifesto e D. Pedro disse que ficaria, assumindo como sua a causa do povo brasileiro. Esse discurso foi aperfeiçoado e polido por Frei Sampaio. Porém sua grande obra está ligada aos famosos sermões, onde defendia a libertação do Brasil: o púlpito fazia a cabeça do povo.

Outros que se destacaram como oradores sacros seguindo os passos de Frei Sampaio foram o Cônego Januário da Cunha Barbosa e Frei Francisco de Monte Alverne.

O clero brasileiro defendeu o Brasil não somente com palavras, mas com obras também. Alguns fatos podem ser citados. Vários padres e frades, reunidos no Campo de Sant'Ana, no Rio de Janeiro, armados com bacamartes, uniram-se a tropas brasileiras para enfrentar as portuguesas no dia 11 de janeiro de 1822; Pe. Manoel José de Freitas organizou algumas tropas que se debateram com os portugueses; Frei José Maria Brayner comandou uma companhia de guerrilha denominada couraças; muitos outros participaram fazendo donativos como cabeças de gado ou mesmo dinheiro.

O clero, sem dúvida, ajudou e muito a apressar a independência; ajudou a consolidá-la, pelos discursos, pelos escritos e até mesmo pela luta armada.

---

*Eugênio Dirceu Keller, cm, é professor de história no Studium Theologicum, Curitiba.*

# O que é escrever positivamente?

*Francisco Gomes de Matos*

*Esta série de artigos vai nos ensinar a ler melhor, a aprender melhor, a perceber melhor o mundo que chega até nós pelos meios de comunicação, especialmente a escrita. Nos ajudarão a ter novos critérios para avaliar o que se diz e como se dizem as coisas, se dignificam o ser humano ou não, se o vocabulário é construtivo ou não.*

O princípio fundamental de uma Pedagogia da Positividade aplicada à comunicação escrita pode ser formulado de maneira simples e concisa: *Pense primeiro em seu(s) leitor(es)* e, mais humanisticamente, assim: *Antes de redigir, pense no bem que irá fazer aos leitores.* Essa crença de que *escrever bem é escrever para o bem* pressupõe o conhecimento, tão detalhado quanto possível, do público visado, da situação em que estará sendo produzido o texto e do grau de formalidade ou informalidade do estilo. Se traduzirmos esse conhecimento em perguntas-chave, indagaremos:

1. Quem são/serão meus leitores?
2. Que sei, de positivo, a seu respeito?
3. Que expectativas poderão ter sobre meu texto? Por quê?
4. Que posso contribuir ao bem individual ou coletivo dos leitores?
5. Que idéias ou conceitos-chave positivos pretendo comunicar? (Idéias semelhantes terão sido transmitidas por outros, positivamente? Nesse caso, o que poderia acrescentar?)
6. Após produzir a primeira redação, que verbos, substantivos e adjetivos positivos terei usado ou deixado de

usar? (Como positivar *mais* o vocabulário usado?)

7. Que frases e parágrafos precisarei transformar, para que a comunicação (a "interação") com os leitores seja construtivas?
8. Quem poderá dar um *feedback* positivo sobre minha redação inicial? (Conseguir uma crítica construtiva é um traço da humildade do escritor positivo)
9. O quê, de concreto, meu texto pode contribuir ao bem estar (físico, moral, espiritual, psicológico, social, cultural etc) dos meus leitores?
10. Que fatos ou informações adicionais precisarei pesquisar para aprimorar a positividade comunicativa de meu texto? Onde?

## Um escritor positivo: Santo Agostinho

Um dos desafios prazerosos e proveitosos que o escritor positivo precisa vencer é o da busca de exemplos de *autores positivos*. Para nós, cristãos, inúmeras são as fontes, as criações textuais permeadas de positividade, a começar pela *Santa*

*Bíblia*. Tomemos, para exemplificar, um trecho de Santo Agostinho (*Confissões*); Petrópolis, Editora Vozes, 1988, p. 321) em que o positivíssimo escritor faz uma reflexão a respeito do tema *Se eu fosse o escritor do Gênesis*. Nesse texto agostiniano encontramos uma magistral síntese dos princípios do *Escrever bem para o bem*. Eis o fragmento e, a seguir, uma enumeração dos princípios inferíveis a partir das palavras usadas pelo humaníssimo Santo:

“... Se Vós me tivésseis encarregado de escrever o Gênesis, eu queria receber de Vós uma tal arte de expressão e uma tal modalidade de estilo que, até esses que não podem compreender como é que Deus cria, se não recusassem a acreditar nas minhas palavras, por ultrapassarem as suas forças”.

A citação evidencia que, para Santo Agostinho, o escrever significa *ser verdadeiro* (dizer a Verdade), *ser claro* (ajudar o leitor a compreender), *ser agradável* (ter um estilo atraente).

O próprio título da mensagem agostiniana (*Se eu fosse o escritor do Gênesis*) revela outro atributo que deve ter um escritor positivo: a *empatia* (para com outros escritores).

Como aludimos à humildade, outra característica distintiva de quem escreve — para chegar-se ao *redigir* e *fi-cazmente* — lembremos que a grande

Santa da Igreja, Santa Teresa de Jesus, em seu *Livro da Vida*, SP., Paulinas, 1983, p. 358), faz uma auto-avaliação de manuscrito que ela havia encaminhado ao padre frei Garcia de Toledo: “Pode ser que algumas coisas estejam mal explicadas e outras repetidas. Disponho de tão pouco tempo, que não foi possível reler à medida que escrevia”.

Temos, nesse depoimento humilde uma magnífica lição: o escritor positivo recorre a revisores positivos, para poder melhor servir a Deus e aos leitores a quem se destina a produção escrita. Importante também, na auto-crítica Teresiana, o modo como soube aplicar o princípio de que o verdadeiro escritor sabe *gerir* seu tempo, não se deixando *digerir* por ele. No caso Teresiano, havia uma intenção (da autora) em servir-se da competência leitura do frei Garcia de Toledo. Saber usar bem o tempo ao construir um texto, segundo a lição da grande escritora de Ávila, é assegurar-se do auxílio, da co-

laboração de co-autores invisíveis, os revisores, tanto de estilo quanto de idéias.

## Sugestões para escrever positivamente

1. Ao escrever uma carta para pessoas amigas, deseje-lhes saúde, paz, amizade, fé, desenvolvimento etc. Recorra a alguns substantivos positivos para complementar a saudação, tornando-a fortemente positiva.
2. Ao encerrar uma correspondência pessoal, consolide ainda mais a aproximação com o destinatário, usando advérbios positivos como cordialmente, fraternalmente, carinhosamente, solidariamente, positivamente etc. (A opção dependerá da adequação ao leitor ou à leitora).
3. Ao elaborar textos administrativos, lembre-se de acrescentar um *tempero positivo*, sempre que possível, para que a comunicação escrita seja *construtiva* de relações entre pessoas e não apenas *informativa*.
4. Ao preparar uma redação (na Escola, na Universidade), pergunte-se se seu texto reflete uma *visão positiva* do mundo em que você vive, apesar das dificuldades, dos problemas que têm que enfrentar. Ver o mundo as pessoas, todos os seres — positivamente é pré-requisito para escrever-se positivamente. Essa atitude, típica da cosmovisão franciscana (uma “comunhão de amor fraterno com todos”, no pensar-dizer de São Francisco de Assis), já caracteriza um projeto sócio-educacional de uma universidade brasileira: a *Universidade São Francisco*, de Bragança Paulista.

Em suma, escrever positivamente é escrever para o bem de nossa comunidade, da humanidade!

Dr. Francisco Gomes de Matos é professor de Linguística, Departamento de letras, UFPE, Recife e ex-professor na PUC-SP.



# A opção de ser feliz

Myriam Vallias de Oliveira Lima

**S**er feliz ou infeliz... A escolha é feita individualmente. Felicidade vista não como momento fugaz, um acontecimento especial, mas encarada como a base da vida, o pano de fundo no qual todas as nossas experiências se desenvolvem.

Se a opção de vida é ser feliz, o sentimento de felicidade deverá impregnar cada ato, cada pensamento. O modo de viver feliz.

Seria isso possível? Ou o que estou propondo é a "ilha da fantasia"?

Quer dizer então que, se opto por ser feliz, nenhum acontecimento negativo ocorrerá? Nenhuma tristeza sucederá?

Viver uma vida feliz não é não experimentar o sofrimento, a raiva, a frustração. Só que, em lugar de desfraldar o tempo todo a bandeira da desgraça, deixa-se tremular a da felicidade. Isso dará forças para enfrentar as agruras e permitirá, uma vez expresso o sentimento de tristeza, que se volte de novo a ser feliz. Felicidade é condição de vida, é modo de ser.

Quando se adota o lema "sou triste", "minha vida é miserável", mesmo quando ocorre alguma coisa boa, surge sempre o mas...

— Não adianta que isso de bom tenha acontecido... Mas, depois, retornarei à mesma vida infeliz.

É como aquele comercial antigo de TV, sobre o comportamento do pessimista, ao sair de casa levando um guarda-chuva em um dia radiante de sol:

— O céu está lindo, mas à tarde pode chover.

Na pessoa negativa há sempre

uma referência a um passado que, geralmente, é tido como infeliz, mesmo quando são raros os momentos de desgraça. E esse "passado desgraçado" faz com que conta-

**Viver uma vida feliz não é não experimentar o sofrimento, a raiva, a frustração. Só que, em lugar de desfraldar o tempo todo a bandeira da desgraça, deixa-se tremular a da felicidade.**

mine o presente e se estenda para o futuro. Não há escapatória. Se foi infeliz, continuará sendo e sempre o será. Por outro lado, a percepção da pessoa fica voltada para uma seleção negativa de fatos e de coisas, culminando com um estado depressivo.

Certa vez, conversava com alguém que me criticava dizendo que eu vivia num mundo que não existia, no qual havia beleza e bondade. Veja, argumentava essa pessoa, basta ler os jornais. É tragédia só. Na televisão, então, nem se fala. Enquanto ele fazia uma anotação, levantei-me e me pus a olhar pela janela. Meu interlocutor prosseguiu:

— Não concorda com o que estou falando? Que cidade mais triste

que é São Paulo! Céu cinza... prédios cinzas... É terrível!

Comecei a rir. Pedi-lhe que se levantasse e dirigisse o seu olhar na direção do meu. Eu estava justamente transbordando de alegria por ter captado, entre os prédios, uma quaresmeira carregada de flores cor-de-rosa. Essa visão me enternecia. Essa pessoa conseguiu perceber meu sentimento. Calou-se. Depois de alguns minutos, falou:

— Agora estou lhe entendendo. Eu percebi o cinza. Você, as flores. Realmente tenho de mudar a lente dos meus óculos! Não é você que é irrealista. Eu é que sou pessimista! Que pinço o triste, o feio, a maldade, o malfeito.

Ser feliz é uma opção. Uma opção de cada um. É uma experiência individual. Ninguém pode dar a felicidade ao outro. Pode apenas compartilhá-la com o outro. E, mesmo assim se esse outro estiver aberto para ela.

Quando se opta por ser feliz, todo o ser se volta para o belo, o bom, o sensível, em tudo aquilo que existe: nas pessoas, na natureza, no trabalho, no contato com o próximo e com as coisas. Não é preciso um acontecimento especial nem sensorial. Do trivial, extrai-se a felicidade. Porque, como o aroma na flor, ela está em nós, no nosso ser, na nossa vida. E impregna tudo o que tocamos.

A felicidade emana do ser. Não vem das coisas.

Myriam Vallias de Oliveira Lima é psicóloga.

## QUERIDO LEITOR

Estamos possibilitando ao leitor, nesta seção, colecionar receitas sob duas categorias energéticas. Na primeira parte receitas mais calóricas, na segunda, receitas com menos calorias. Para compreender melhor as duas categorias devemos conhecer os significados dos termos: caloria e metabolismo. Caloria é a unidade de energia contida no alimento — nosso combustível. Metabolismo

refere-se à queima dessa mesma caloria. Quanto maior a quantidade de caloria assimilada pelo nosso corpo maior a quantidade de energia armazenada. Para perder peso deve-se ingerir menos calorias e aumentar a atividade. Por outro lado, comer menos calorias não quer dizer comer mal, ou pouco. Isso é o que verificaremos com as diversidades de receitas aqui apresentadas.

## RECEITAS COM MAIS CALORIAS

Fevereiro (especialidade do mês: Fígado)



### Entrada

Pimentões recheados com fígado (8 porções)

#### Ingredientes

700 gr de fígado  
1/2 kg de salsichas  
1/4 xícara (chá de cebola picada)  
4 Pimentões  
1 batata grande cozida  
1 ovo

#### Modo de preparar

- 1 - Corte o fígado em pedaços e coloque-os em água quente por 10 minutos, retire-os da água e deixe esfriar.
- 2 - Passe o fígado e as salsichas pela máquina de moer.
- 3 - Numa tigela coloque a cebola e junte o fígado, misture bem.
- 4 - Corte os pimentões em metades (de ponta a ponta) tire as sementes coloque-os durante 3 minutos em água fervente, retire-os com a escumadeira, deixe-os escorrer.
- 5 - Unte uma assadeira e distribua os pimentões lado a lado, recheie cada metade com a pasta de fígado.
- 6 - Faça um pure com a batata e o ovo, coloque num bico de decorar bolo, e decore os pimentões com esta mistura.
- 7 - Leve ao forno moderado por mais ou menos uma hora.

### Prato principal

Fígado com vinho branco (6 a 8 porções ou mais dependendo do gosto)

#### Ingredientes

1 fígado inteiro.  
3 colheres (sopa) de farinha.  
1 xícara (chá) de vinho branco seco.  
Sal e pimenta-do-reino a gosto.  
Batatas cozidas.  
Óleo para fritar.

#### Modo de preparar

- 1 - Cortar o fígado em fatias fininhas, e fritar no óleo quente usando uma frigideira grande.
- 2 - Numa tigela mistura-se o vinho com a farinha, até formar uma pasta bem líquida.
- 3 - Despeje esta mistura líquida por cima dos bifés (ja bem fritos) e termine de cozinhar os mesmos.
- 4 - No momento de servir tempere com o sal e a pimenta-do-reino.
- 5 - Sirva acompanhado das batatas cozidas (quentes).

### Sobremesa

Bananas com nozes

#### Ingredientes

1 xícara de açúcar  
4 gemas  
4 Bananas  
1/2 xícara (chá de nozes picadas).  
Um pouco de água para fazer uma calda em ponto de fio. (1/2 xíc.),

#### Modo de preparar

- 1 - Com o açúcar e a água faz-se uma calda em ponto de fio.
- 2 - Numa tigela batem-se as gemas ate ficar esbranquiçadas, vai despejando lentamente e sempre

mexendo sobre a calda, até cozinhar.

3 - Numa compoteira coloque as bananas cortadas em rodela, despeje o molho de gemas por cima das

bananas, e polvilhe com as nozes.

4 - Sirva este doce em pequenas porções.

---

## RECEITAS COM MENOS CALORIAS

---

### Entrada

Patê de Fígado (4 porções)

#### Ingredientes

1/2 kilo de fígado de galinha.  
1/2 xícara (chá) de cebola picada.  
2 xícaras de caldo de galinha.  
1 colher (chá) de pó de curry.  
Sal e pimenta-do-reino a gosto.

#### Modo de preparar

1 - Cozinhe o fígado, no caldo de galinha.  
2 - Junte o restante dos ingredientes e espere até amaciar.  
3 - Escorra e guarde o caldo.  
4 - Passe-o pela peneira amassando com uma colher de pau.  
5 - Vá adicionando caldo até tomar consistência de patê.  
6 - Leve à geladeira, sirva-o acompanhado pães, bolachas etc.

### Prato principal

Fritada de fígado (4 porções)

#### Ingredientes

1/2 xícara (chá) de leite desnatado.  
2 dentes de alho picados.  
1 colher (sopa) de orégano.  
800 grs de fígado em bifés.  
1/2 xícara (chá) de caldo de galinha.

#### Modo de preparar

1 - Em prato raso misture o leite, o orégano e o alho.  
2 - Passe os bifés na mistura.



3 - Numa frigideira de tefal, esquite o caldo de galinha, junte o fígado e cozinhe em fogo brando até o ponto desejado.

4 - Sirva acompanhado de arroz e legumes cozidos.

### Sobremesa

Bombons de café com coco

#### ingredientes

16 colheres (sopa) de leite desnatado em pó.  
10 envelopes de adoçante em pó.  
3 colheres (sopa) de café em pó solúvel.  
1/2 xícara (chá) de água.  
2 colheres (chá) de essência de baunilha.  
2 colheres (sopa) de coco ralado.

#### Modo de preparar

1 - Junte o leite em pó, o adoçante e o café, misture bem.  
2 - Misture a água e a baunilha, e salpique com esta, a mistura de leite e café.  
3 - Misture bem, até formar uma pasta.  
4 - Com as mãos molhadas faça bolinhas, passe-as pelo coco ralado virando para cobrir todos os lados.  
5 - Leve à geladeira para firmar.

---

Essas receitas foram elaboradas e testadas por Paulina Alzamora Leyton Juliani.

# Quando a mulher bebe durante a gravidez

por Lucy Barry Robe (traduzido por D. M. Lazo)



Amanhã que o médico contou para Alice, 26 anos de idade, que ela estava grávida, voltou para casa, caiu em prantos e se fez um uísque com soda bem forte.

Seu marido, Andrew, um vendedor recém transferido, havia escolhido esta velha casa, meio desmantelada, no campo. Alice sentia muitíssima falta de seu antigo apartamento cômodo, na outra cidade onde moravam. Agora, com falta de dinheiro e inundada com o trabalho de desarrumar as malas, pintar as salas e cuidar de seu único filho, Andy, de um ano de idade, Alice ainda não havia feito amizades nesta nova comunidade.

Alice sentia uma solidão horrível. O que mais ela sentia falta era dos coquetéis rituais que se realizavam no apartamento de uma de suas amigas todas as tardes, antes que seus maridos chegassem em casa para jantar.

Alice continuou a tradição sozinha, fazendo drinques cerimoniais enquanto assistia sua novela com Andy. Depois, tomava mais um ou dois "drinquezinhos" com o marido.

Andrew estava eufórico com a gravidez de Alice. Ele queria uma família grande. Contudo, para poder sustentar melhor a família, começou a viajar durante a semana. Nos fins de semana, consertava coisinhas pela casa, sempre dizendo a Alice o quanto ele amava o lugar. Isto aumentava o sentimento de culpa dela, por não sentir a mesma coisa.

Quando Andrew estava viajan-

do, Alice bebia até chegar a dormir com a TV ligada, a fim de aliviar sua solidão e combater o medo que sentia do bosque obscuro e silencioso que rodeava a casa.

Andrew notou que sua esposa estava bebendo mais. Comentou-lhe a respeito e depois disso, Alice geralmente conseguia se controlar quando ele estava em casa. Mas ela sabia que sempre poderia beber à vontade nas segundas-feiras, quando ele partia de novo.

Ela se assegurava que sua situação era temporária, que depois da casa estar arrumada e a criança nascida, ela encontraria tempo para fazer amizades e, ai então, diminuir seu beber.

Uma manhã, Alice marcou uma consulta com seu obstetra e apareceu no seu consultório com uma ressaca brava. Rezando para que o velho médico não notasse suas mãos trêmulas e sua testa suada, Alice tentou aparentar despreocupação ao perguntar-lhe se o beber dela podia prejudicar seu nenê ainda não nascido.

O velho médico havia sido treinado nos anos 30, quando os compêndios de obstetria sequer mencionavam bebidas alcoólicas e o alcoolismo ainda não era reconhecido como doença. Ocupado fazendo anotações no histórico dela, ele levantou a cabeça e olhou paternalmente para Alice:

"Uma moça esbelta que nem você não precisa se preocupar com calorias", disse o médico, sorrindo. "Você talvez esteja exagerando um pouco, com essa mudança toda e

um menino de um ano a teus pés. Na verdade, muitas mulheres descobrem que umas bebidinhas, quando estão grávidas, as ajudam a relaxar".

Debruçando-se de novo sobre a escrivaninha, o médico não percebeu o alívio que cobriu o rosto do seu paciente.

Alice se assustou ao perceber que estava começando a beber meio litro de vodca todas as noites. Mas logo ela racionalizou esse abuso, convencendo-se que realmente precisava desse primeiro drinque às 5 da tarde porque as primeiras horas da noite pareciam tão longas sem a presença de Andrew nessa casa isolada.

E já que não prejudicava o nenê, ela se dizia, que mal fazia, afinal? O pequeno Andy estava sempre dormindo na hora que sua mãe ficava embriagada.

O dia que Alice deu à luz, o ambiente na sala de parto do hospital tornou-se subitamente quieto.

O obstetra (não o de Alice, que estava semi-aposentado, mas um médico jovem, recém diplomado de uma escola de medicina que destacava um grande centro de pesquisa pre-natal) logo verificou que a criança tinha um coração defeituoso.

"Acho que ele tem síndrome fetal pelo álcool", disse ele.

E assim foi que nasceu Frankie. (continua no próximo número)

Donald Lazo é Sociólogo pela Universidade de Yale (EUA). Diretor da Comunidade Terapêutica da Chácara Reindal.

# A catequese hoje

Eugênio Pessato

*Refletimos bastante sobre a história da catequese que passou e, desde o último número, passamos a estudar a catequese hoje. Para que isso se realize, contamos com a participação ativa dos caros leitores, escrevendo-nos sobre suas experiências catequéticas, para assim sabermos como é que a*

## A catequese no documento de Santo Domingo:

(continuação)

### 2. Desafios Pastorais:

No nº 39 o documento nos diz: “Entre nós, católicos, o desconhecimento da verdade sobre Jesus Cristo e das verdades fundamentais da fé é um fato muito frequente e, em alguns casos, essa ignorância está vinculada a uma perda do sentido de pecado.

Frequentemente a religiosidade popular, apesar de seus imensos valores, não está purificada de elementos alheios à fé cristã, nem leva sempre à adesão pessoal a Cristo morto e ressuscitado”.

E o documento aponta um dos motivos e razões para que isso aconteça: Nº 40 “Pregamos pouco a respeito do Espírito que atua nos corações e os converte, fazendo assim possível a santidade, o desenvolvimento das virtudes e o vigor para tomar, a cada dia, a cruz de Cristo (cf. Mt 10, 38; 16, 24)”.

Após constatar o desafio diante de uma falha em nossa pregação, o documento continua, dando orientações e relembrando o nosso compromisso catequético.

Nº 41: “Tudo isto nos obriga a insistir na importância do primeiro anúncio (querigma) e na catequese. Foi reconhecido o maravilhoso trabalho apostólico de nossos

catequistas. “Damos graças a Deus pelos esforços de tantas e tantos catequistas que cumprem seu serviço eclesial com sacrifício, selado, às vezes, com suas vidas”.

Mas os bispos reunidos em Santo Domingo, ao reconhecerem, o valoroso trabalho dos catequistas, reconhecem que ainda tem muito que fazer, principalmente no que diz respeito à formação: “Existe ainda muita ignorância religiosa, a catequese não chega a todos e muitas vezes chega em forma superficial, incompleta quanto a seus conteúdos, ou puramente intelectual, sem força para transformar a vida das pessoas e seus ambientes”.

Os bispos alertam também para um fato não muito frequente entre o nosso povo: “É notória a perda da prática da ‘direção espiritual’ que seria muito necessária para a formação dos leigos mais comprometidos, além de ser condição para que amadureçam vocações sacerdotais e religiosas”.

Mais uma vez voltam os participantes, na maioria bispos, a manifestarem a preocupação com a catequese litúrgica: nº 43 “Ainda não se alcançou plena consciência do que significa a centralidade da liturgia como fonte e cume da vida eclesial. Perdeu-se para muitos o sentido do ‘dia do Senhor — Domingo’ e da consequente exigência eucarística”.

Essa realmente é uma realidade

não só em cidades grandes, onde o domingo se tornou dia de lazer, mas também em cidades menores, onde as pessoas trocam a missa do domingo por uma da semana, pelo motivo do sermão ser mais curto, ou muitas vezes, e o que é muito pior, nem existir.

Um dos motivos apontados é este: “Descuidou-se da séria e permanente formação litúrgica segundo as instruções e documentos do Magistério, em todos os níveis. Ainda não se dá atenção ao processo de uma sã inculturação da liturgia. Isto faz com que as celebrações sejam ainda, para muitos, algo ritualista e privado a ponto de não se fazerem conscientes da presença transformadora de Cristo e de seu Espírito nem de traduzirem-na em um compromisso solidário para a transformação do mundo.”

Concluindo os participantes disseram: “A consequência de tudo isto é uma falta de coerência entre a fé e a vida em muitos católicos, incluídos, às vezes, nós mesmos ou alguns de nossos agentes de pastoral. A falta de formação doutrinal e de profundidade na vida de fé faz de muitos católicos presa fácil do secularismo, do hedonismo e do consumismo que invadem a cultura moderna e, em todo caso, os incapacita de evangelizá-la” (nº 44).

---

*Eugênio Pessato é sacerdote claretiano, professor de catequese em Curitiba.*

# Ave Maria: alegra-te, bem-amada de Deus!

Leonardo Boff

*“As criaturas, condenadas a envelhecer, foram rejuvenescidas através de Maria.”*

*Jaime de Sarug, bispo inglês de 421-451*

Antes de abordarmos o conteúdo da saudação angélica — Ave Maria, — é importante procedermos a um esclarecimento metodológico. Fundamentalmente existem duas maneiras de interpretarmos os textos sagrados das Escrituras cristãs. A primeira consiste em tomarmos as passagens em seu teor exegético-crítico; a segunda em seu conteúdo teológico-espiritual. A leitura exegético-crítica privilegia o sentido literal das palavras empregadas pelos autores sagrados. Os termos são compreendidos dentro do sentido que possuíam na cultura por ocasião da elaboração dos respectivos livros. Assim, por exemplo, se entende a saudação do anjo Gabriel à virgem Maria — *ave* — no sentido da saudação matutina entre os gregos; nisso não há nada de especial; o mensageiro do céu utiliza uma fórmula de saudação empregada por qualquer cidadão de língua grega.

Este método produziu seus bons frutos, revelando-nos a face humana da Palavra de Deus. Entretanto representa uma abordagem profana; o mesmo método é aplicado a qualquer outro texto antigo ou moderno, seja de historiadores ou filósofos gregos seja de literatos modernos. Onde está o caráter religio-



so e teológico deste método? Abordam-se os textos sagrados simplesmente como textos e não como sagrados. Neste tipo de leitura não aflora a face divina da Palavra de Deus. Até um homem sem fé poderia proceder a semelhante interpretação das Escrituras.

A leitura teológico-espiritual dos textos bíblicos pressupõe a fé segundo a qual sabemos que as Escrituras são sagradas porque contêm a revelação de Deus, comunicando-nos seu desígnio último acerca do homem, da história e do mundo. As palavras estão a serviço de um conteúdo que é mais do que aquele

fixado pela cultura ambiente. Além de seu sentido literal (que importa sempre captar), existe um sentido teológico. Assim a saudação angélica — *ave* — possui uma densidade de sentido maior do que aquela que um cidadão coloca quando saúda outro cidadão. A virgem Maria é certamente cidadã, mas ao mesmo tempo é aquela única sobre a qual repousa o olhar misericordioso de Deus para fazê-la Sua mãe. Nela se cumpre o projeto terminal do feminino: poder acolher plenamente o Divino e prestar-se ao desígnio de autocomunicação do Espírito Santo. A história encontra nela uma culminação insuperável. A saudação do “ave” não pode ser corriqueira. O sentido literal e comum conquista ressonâncias inimagináveis que devem poder ser ouvidas pelo fiel. A leitura exegético-crítica é enriquecida com a interpretação teológico-espiritual.

Não se trata, portanto, de colocar uma falsa alternativa: ou uma ou a outra. Importa articular uma com a outra. O sentido literal abre a porta para um sentido teológico que traduz a novidade de irrupção de Deus em nossa história. Tentaremos aplicar este método ao tema vertente.

## 1. Ave! Alegra-te!

O termo grego para *ave*, usado por Lucas (1, 28), é “chaire” Como já acenamos anteriormente, é a saudação grega (cf. Mc 15, 18; Mt 27, 29; Jo 19, 3) que corresponde ao “salamalek” dos árabes atuais ou ao “shalom lak” dos hebreus, podendo-se traduzir assim: Salve, a paz esteja contigo! Existe uma conotação de alegria na palavra “chaire”, porque em grego alegria é “chára” que tem a mesma raiz que “cháris”, graça. A alegria (chára) brota da manifestação da graça (cháris). Muitos exegetas estimam que o *ave* dito pelo anjo a Maria não passa de uma mera saudação, evidentemente, cheia de deferências, dado o caráter excepcional das circunstâncias. Outros opinam que não se trata, propriamente, de uma saudação, mas de um imperativo, convidando para a alegria. A tradução correta do *ave* seria então: Alegrete, Maria! E este sentido se impõe pelo contexto de toda a perícopa da anunciação (Lc 1, 26-38) que está calcada sobre três profecias do Antigo Testamento, de Sofonias (3, 14-17), de Joel (2, 21-27) e de Zacarias (9, 9). O anúncio do anjo faz eco a estas três profecias antigas, cujo conteúdo é: “Alegrete, filha de Sião (Israel), porque Javé, teu rei, Javé, teu Deus, está em teu meio!”. As profecias querem proclamar a alegria messiânica. E nas três vezes o fazem, usando a expressão “chaires”, que S. Jerônimo verteu para o latim por “*ave*”.

O *ave* parece uma palavrinha insignificante; na verdade, esconde a suprema manifestação da alegria. Desde sempre a humanidade aguardava a eclosão daquela que iria realizar plenamente o feminino em Deus. Agora, qual flor que se abre totalmente ao sol, aparece Maria, a nova Eva, habitada pela vida cuja

fonte e plenitude se encontra no Espírito.

Por séculos a humanidade suspirou pelo libertador; secretamente todos os corações latejavam por aquele que, finalmente, devolvera a paz a este mundo; os sonhos mais ancestrais e as esperanças mais fundas apontavam para esta direção. E eis que, agora, emerge, definitivamente, o Messias. A alegria é incontida e transbordante. O mensageiro de Deus convida a Maria para associar-se a este acontecimento de inaudita novidade e surpresa. Em vez de dizermos simplesmente *ave*, deveríamos proclamar: *Laetare!* Alegrete!



Toda a alegria verdadeira radica em motivos de alegria. Ninguém é alegre bobamente. Maria é convidada a alegrar-se por dois motivos. Primeiro, porque “encontreste graça diante de Deus” (Lc 1, 30); o anjo revela que ela é “cheia de graça” (Lc 1, 27). E Maria é cheia de graça porque a graça de Deus que significa o Espírito Santo “veio sobre ela e a cobriu com sua sombra” (Lc 1, 35). Maria se faz o templo vivo do Espírito; nela Ele possui uma presença real e pessoal única; nela Ele atua de forma tão profunda que eleva sua capacidade maternal à altura de ser verdadeiramente a mãe de Deus. Segundo, porque “o Senhor está contigo” (Lc 1, 28), vale dizer o Santo gerado de Maria é o Filho de Deus, Jesus Cristo (Lc 1, 35). Den-

tro de Maria começa a crescer o fruto do Espírito Santo (“ficou grávida do Espírito Santo”: Mt 1, 18) que é o Deus conosco, o Verbo encarnado.

Portanto, a alegria messiânica tem sobradas razões para o transbordamento porque em Maria se fazem presentes duas divinas Pessoas, o Espírito Santo e o Filho unigênito.

Esta sublime realidade se encontra acenada e pronunciada nas profecias de Sofonias, Joel e Zacarias. A filha de Sião à qual se referiam os textos antigos é, na verdade, Maria. Nela se densificam não apenas as esperanças de todo Israel (representado pela filha de Sião), mas também de toda a humanidade expectante (Israel representando todas as nações). Javé que viria, segundo estas profecias, residir no meio de Sião como rei (Sf 3, 15; Zc 9, 9) ou como salvador (Sf 3, 17; Zc 9, 9), de fato, se chama Espírito Santo e Filho eterno. Destarte a história chega a sua plenitude; ela, efetivamente, está grávida de Deus; carrega em seu seio as Pessoas divinas da Trindade; o céu inteiro desceu à terra. Maria é o lugar onde tudo se encontra reunido. No momento da anunciação, a história toda da humanidade se recolheu num ponto decisivo, em Maria. Tudo pende de seu *fiat*, de sua aceitação e do serviço que presta a Deus em sua vontade encarnatória e aos homens em sua busca de redenção. Como não alegrar-se diante da gesta salvadora de Deus tão surpreendente e plenificante?

Toda a imensidão do oceano se esconde nesta gota de água: todo o mistério se revela nesta minúscula palavra: *ave!* □

*Extraído do livro A Ave-Maria - O feminino e o Espírito Santo, Leonardo Boff, Editora Vozes.*

## O DEUS DESCONHECIDO CAMINHA CONOSCO

3º Domingo de Páscoa

25/04/93

Estamos vivendo o tempo da Páscoa. Nestes domingos as leituras dos evangelhos nos falam de Jesus Ressuscitado. Ele apareceu vivo e de muitas maneiras. Ele entra



por portas fechadas, dá uma bênção, mostra as mãos e os pés, e discípulos caem de joelhos...

**1ª leitura: At 2, 14.22-28.**

O tema central desta leitura é Deus ter livrado Jesus do poder da morte. Este texto abrange uma parte do discurso querigmático que Pedro proferiu. O elemento essencial do querigma (Confissão - ensinar pregação) dos judeus é a proclamação da vida, morte e ressurreição como ação salvífica de Deus. Na leitura de hoje, os versículos 22-24 abrangem o querigma, e os demais versículos 25-28 são o argumento escriturístico. No querigma acentua-se várias vezes a iniciativa de Deus nos eventos pascais. O papel dos homens nos eventos pascais revela que a salvação dos homens é total e exclusivamente da iniciativa de Deus. A ressurreição de Jesus é o caminho que leva a vida para todos aqueles que Nele crêem.

**2ª leitura: 1Pd 1, 17-21.**

Com o tema central: "A vossa fé e a vossa esperança estão firmadas

em Deus". A unidade literária desta leitura está cheia de alusões ao comportamento do povo de Deus, do início do êxodo, do Egito até a entrada na terra prometida. O sinal da libertação consistiu no sangue do Cordeiro Pascal com que se marcaram as portas (v. 19; cf. Ex 12, 21). Durante a peregrinação pelo deserto (v. 17) o povo recebeu através de Moisés a lei que pode ser resumida nesta frase: "Sejam santos porque eu sou santo". O autor desta carta compara sua libertação do Egito. Cristo se revela o caminho da salvação para todos, "predestinado antes da criação do mundo e no final dos tempos manifestado por amor de vocês" (v. 20).

**Evangelho Lc 24, 13-35.**

Jesus caminha com os discípulos de Emaús. Esta narrativa possui a sua forma literária semelhante ao texto de Atos 8, 26-39. Ambas as narrações obedecem ao mesmo esquema, mas cada qual tem sua forma literária bem definida; relatam a paixão e a morte de Jesus sob o mesmo ângulo de vista, isto é, tudo se realizou conforme as Escrituras. Neste texto encontramos os elementos essenciais do querigma apostólico que são: o resumo da vida pública e da paixão e morte de Jesus. A parte principal está na explicação das Escrituras e a proclamação da ressurreição é atribuída ao próprio Jesus ressuscitado. O próprio Jesus ressuscitado reparte na liturgia da Palavra com os seus discípulos o Pão da Palavra, e na liturgia eucarística reparte com os mesmos o Pão Eucarístico.

Algumas vezes nós somos cegos e surdos como os discípulos de Emaús, Deus anda conosco constantemente e nós não O reconhecemos. Jesus é o companheiro de nossa caminhada. Ele está constantemente ao nosso lado quer nas ale-

grias quer nas tristezas. Não precisamos procurar Jesus nos acontecimentos maravilhosos, mas no cotidiano, nas coisas simples do dia-a-dia. Há tanta gente que está à procura de companhia, de afeto, carinho, e isto se apresenta com maior intensidade no mundo secularizado e técnico. Toda vez que uma pessoa se apresenta em nossa vida, é Jesus mesmo que está batendo em nossa casa.

### LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

**Dia 26 - Segunda-f.:** At 6, 8-15 — Prisão do Estêvão, testemunha de Jesus de Nazaré; Sl 118, 23-24.26-27.29-30; Jo 6, 22-29 — Alimento eterno consiste em crer n'Aquele que Deus enviou.

**Dia 27 - Terça-f.:** At 7, 51-8, 1a — Martírio de Estêvão: Viu Jesus de pé à direita de Deus; Sl 30, 3cd-4.ab e 7b e 8a.17 e 21ab; Jo 6, 30-35 — O pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo.

**Dia 28 - Quarta-f.:** At 8, 1b-8 — Dispersão da comunidade e pregação do Evangelho; Sl 65, 1-3a.4-5.6-7a; Jo 6, 35-40 — Quem crer no Filho terá a vida eterna, e eu o ressuscitarei.

**Dia 29 - Quinta-f.:** At 8, 26-40 — Felipe evangelizou, converteu e batizou o ministro etíope; Sl 65, 8-9.16-17.20; Jo 6, 44-51 — Quem crê tem a vida eterna.

**Dia 30 - Sexta-f.:** At 9, 1-20 — Conversão e batismo de Saulo; Sl 116, 1.2; Jo 6, 52-59 — Quem come o meu corpo e bebe o meu sangue, ressuscitará.

**Dia 1ª de maio - Sábado:** At 9, 31-42 — Pela assistência do Esp. Santo e pelos milagres, muitos se convertiam; Sl 115, 12-13-15.16-17; Jo 6, 60-69 — Senhor, nós cremos e sabemos que tú és o Consagrado de Deus.

## TODOS SOMOS CHAMADOS PARA CRIAR COMUNHÃO

4º Domingo de páscoa  
02/05/93

1ª leitura: At 2, 14a.36-41.

Tem como tema central a conversão. Pedro anuncia Jesus, morto e ressuscitado, como o Messias e Senhor, convidando à conversão. Neste discurso Pedro relaciona o acontecimento do Pentecostes com a Ressurreição: Jesus ressuscitou e deu o Espírito Santo. E termina o discurso com esta proclamação, mostrando o pecado dos homens que não reconheceram a Jesus; os homens o crucificaram e Deus O tornou Messias e Senhor (Mt 26, 63). No anúncio de Pedro cumpre-se a palavra de Jesus em João 15, 26-27. Os ouvintes são atingidos (vv. 33.36) e reconhecem seus pecados (v. 37). Pedro nos convida à conversão e ao batismo, para receber o perdão dos pecados e o dom do Espírito (v. 38). O povo que nasce da ressurreição é um povo universal, aberto a todos porque Deus quer salvar e dar a vida a todos (Jo 3, 16). Anunciar Jesus Cristo é convidar à mudança de vida. A conversão é o início da vida nova, uma passagem para viver no Espírito de Deus.

2ª leitura: 1Pd 2, 20b-25.

Pedro nos faz um convite: seguir os passos de Jesus. O autor convida os cristãos que estão sendo perseguidos a suportarem o sofrimento

com paciência (v. 20). Os vv. 21-25 contêm diversas referências ao profeta Isaías, de modo especial ao capítulo 53. A vida cristã é um chamado para a participação na vida de Jesus que inclui a cruz e a glória (Mc 8, 32ss.). Este texto salienta também a participação no sofrimento em seguindo o exemplo de Cristo (v. 21). Como Cristo inocente e perseguido, também nós devemos tomar suas atitudes como programa de vida (v. 21-24). Mas Jesus é mais do que um exemplo para nós. Ele deu a sua vida para que morrêssemos ao pecado e vivêssemos para a justiça, tornando-se assim o Pastor que reúne as ovelhas (Mc 6, 34).

Evangelho: Jo 10, 1-10.

Jesus é a porta para a vida. Este discurso tem como pano de fundo o texto do profeta Ezequiel (34, 1-10). O texto do evangelho de hoje pode ser dividido assim: temos uma parábola (vv. 1-5); ela não é compreendida (v. 6); vem a primeira explicação (vv. 7-10). A parábola contrasta o ladrão-bandido e o Pastor. O ladrão pula o muro para evitar o guarda (v. 3); as ovelhas não seguem o estranho porque não conhecem a sua voz (v. 4). O Pastor pelo nome, elas o seguem porque conhecem a sua voz (v. 4). Para a compreensão desta parábola é preciso ter fé. Jesus é o Pastor e a ovelha é Deus suscita. Os homens reconhecem Jesus como o Enviado de Deus porque Ele salva e conduz à vida (Jo 3, 16). Jesus veio para dar a vida aos homens. Ele dá a vida eterna que já se concretiza na fé. Jesus é o único salvador e mediador para a vida.

Neste evangelho Jesus se apresenta como o Pastor que conhece as suas ovelhas. Chama cada ovelha pelo nome e elas conhecem a voz do Pastor e o seguem. Jesus não fala de um relacionamento de uma maneira como faz o domador com seus animais, mas de um rela-

cionamento pessoal, de uma verdadeira comunhão. Jesus cria comunhão e confiança, pois Ele torna deste modo Deus presente entre os homens. Os pastores devem ser pessoas que assumam atitudes semelhantes de Jesus: ser imagem de Deus que se preocupa com os homens, pessoas que devem dar atenção a todos, que sabem dizer a palavra certa na hora certa.

### LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

**Dia 3 - Segunda-f.:** 1Cor 15, 1-8 — Certeza da ressurreição de Jesus.; Sl 18, 2-3.4-5; Jo 14, 6-14 — União do Pai e do Filho.

**Dia 4 - Terça-f.:** At 11, 19-26 — Fundação da Igreja de Antioquia; Sl 86, 1-3.4-5.6-7; Jo 10, 22-30 — Eu e o Pai somos um.

**Dia 5 - Quarta-f.:** At 12, 24-13, 5a — A Palavra de Deus crescia e se espalhou; Sl 66, 2-3.5.6 e 8; Jo 12, 44-50 — Vim como luz ao mundo.

**Dia 6 - Quinta-f.:** At 13, 13-25 — Crer em mim é crer n'Aquele que me enviou; Sl 88, 2-3.21-22.25 e 27; Jo 13, 16-20 — Quem me recebe, recebe Aquele que me enviou;

**Dia 7 - Sexta-f.:** At 13, 26-33 — Crucificaram o Salvador Jesus; mas Deus o ressuscitou dentre os mortos.; Sl 2, 6-7.8-9.10-11; Jo 14, 1-6 — Eu sou caminho, a verdade e a vida.

**Dia 8 - Sábado:** At 13, 44-52 — Eu te designei para levares a salvação até aos confins da terra; Sl 97, 1.2-3ab.3cd-4; Jo 14, 7-14 — Quem me vê, vê o Pai; estou no Pai, e o Pai em mim.

**ASSINE  
A REVISTA  
AVE MARIA  
(011) 662128 e  
662129**

# JESUS RESSUSCITADO É O VERDADEIRO CAMINHO PARA A VIDA

5º domingo da páscoa

09/05/93

1ª leitura: At 6, 1-7

Tem como tema central: "Escolham entre vocês homens de confiança, entendidos e cheios do Espírito Santo".



A Igreja vai crescendo em número e complexidade. Vão surgindo novos problemas e para isto urge uma nova organização interna para atender às necessidades. E o grande problema é este: como atender às viúvas dos judeus de língua grega no aspecto material? (v. 1). Os Apóstolos são em primeira Oração, pois esta é a sua missão em favor da comunidade. O mistério da palavra compreendia: o anúncio missionário, a instrução dos fiéis e a exortação eucarística e nas reuniões para oração comunitária. Os Apóstolos reúnem a assembleia dos cristãos e sugerem a criação de um novo ministério, novo serviço, a diaconia (v. 3). A proposta é a aceita pela assembleia que escolhe sete homens para o serviço das mesas (v. 5). O serviço da diaconia é um serviço à comunidade, participando no ofício dos Apóstolos, e é por isto que são escolhidas pessoas idôneas (v. 3). E recebem a imposição das mãos (v. 6).

2ª leitura: 1Pd 2, 4-9.

"Vocês são pedras vivas que Deus usa na construção de um templo espiritual". O autor relembra aos cristãos a grandeza da vocação cristã, apresentando a Igreja como novo templo e novo Israel constituído pela fé em Jesus. Pela morte Jesus é a pedra rejeitada (Mt 21, 42), a pedra que foi abandonada como inútil (Sl 117, 22) pelos que não têm fé e torna-se pedra de tropeço (v. 6). Mas na sua ressurreição Jesus tornou-se a pedra viva, a pedra que apóia o arco, dando solidez à construção (v. 7). Os homens que participam da morte e ressurreição de Jesus através do batismo são os que têm fé em Jesus e são pedras vivas da Igreja, o templo espiritual. O sacrifício que Deus quer de cada um de nós é a santificação da vida, do trabalho e de todas as realidades do mundo, para criar um mundo novo em Jesus Cristo e oferecê-lo em ação de graças a Deus. Aqueles que pela fé aceitaram o Cristo ressuscitado como fundamento de suas vidas participarão da honra que Ele recebeu, e aqueles que não creram tropeçarão e acabarão se perdendo.

Evangelho: Jo 14, 1-12.

São João nos mostra o verdadeiro caminho para vida: "Quem me vê, vê também o Pai". A característica fundamental da vida da Igreja neste mundo é a tranqüilidade que vem da fé em Jesus Cristo. Pois é esta a idéia dominante da leitura de hoje. Quem crê nunca se desespera. O verdadeiro caminho para a vida dá-se através de Jesus Cristo. João mostra que Jesus é o único caminho, a porta para a vida, pois Nele está a revelação do Pai no qual está a fonte e o fim de toda vida. Jesus é a verdade porque é o revelador do Pai. É a vida de Deus porque o Pai está Nele presente. De agora em diante o único e autêntico

modo de viver é viver em Jesus porque só em Jesus nós podemos reconhecer e encontrar o segredo da verdadeira vida: O próprio Deus presente. As mensagens e as práticas de Jesus revelam quem é o Pai. As palavras de Jesus são palavras do Pai e nos advertem que neste Reino (Reino de Deus) não se entra mecanicamente: é preciso aceitar na fé, crer em Jesus e converter-se. Converter-se exige de nós rupturas, novas atitudes no espírito das bem-aventuranças.

## LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

**Dia 10 - Segunda-f.:** At 14, 5-18 — Converti-vos ao Deus vivo, que fez o céu, a terra e o mar; Sl 113 B, 1-2.3-4.15-16; Jo 14, 21-26 — O Espírito Santos vos ensinará tudo.

**Dia 11 - Terça-f.:** At 14, 19-28 — Fim da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé; Sl 144, 10-11-20-11.12-13ab.21; Jo 14, 27-31a — Eu vos dou a minha paz.

**Dia 12 - Quarta-f.:** At 15, 1-6 — Controvérsia provoca o Concílio apostólico de Jerusalém; Sl 121, 1-2.3-4a.4b-5; Jo 15, 1-8 — A videira e os ramos: nossa união com o Pai e o Filho.

**Dia 13 - Quinta-f.:** At 15, 7-21 — O Concílio de Jerusalém pronuncia-se a favor dos pagãos convertidos; Sl 95, 1-2a.2b-3.10; Jo 15, 9-11 — Permanecei no meu amor.

**Dia 14 - Sexta-f.:** At 1, 15-17.20-26 — Eleição de Matias; Sl 112, 1-2.3-4.5-6.7-8; Jo 15, 9-17 — Já não vos chamo servos: vós sois meus amigos.

**Dia 15 - Sábado: At 16, 1-10** — Paulo convida e ganha Timóteo para companheiro de missão; Sl 99, 2.3.5; Jo 15, 18-21 — Porque não sois do mundo, o mundo vos odeia.

**ASSINE  
A AVE MARIA**

# Neemias ou II de Esdras

Os livros de Esdras e Neemias se complementam. O escriba e sacerdote Esdras e o governador Neemias lutam pela consolidação da Lei Mosaica entre os judeus repatriados: a religião une o que está politicamente destruído. Neemias é modelo

de apóstolo leigo ativo, justiceiro, preocupado com os desafortunados, severo e leal com os inimigos; profundamente religioso só espera recompensa do Senhor! Encontre as palavras pedidas nos versículos indicados e depois coloque-as no diagrama.

- — (7,5) Cadastro
- — (13,30) regras a observar
- — (10, 37) primeiros filhos
- — (1, 5) compaixão
- — (13, 25) não casar com eles  
para manter as tradições religiosas
- — (10, 30) o povo se compromete a praticá-los.
- — (7, 1) feita por porteiros, cantores e levitas
- — (10, 36) primeiros frutos
- — (1, 3) seus muros estavam em ruínas
- — em 12, 27-43 é narrado esta festa de consagração.
- — (4, 14) seria tocada para reunir-se e combater
- — (5, 15) em Neemias era honesto e responsável
- — (9, 3) confessados publicamente junto à leitura da Lei.
- — (1, 1) copeiro do rei; governador da Judéia
- — (cap. 3) reconstruída pelo povo e sacerdotes
- — (10, 35) oferecida para o fogo do altar
- — (1, 11b) cortesão da mais absoluta confiança
- — em 8, 13-18 a descrição desta festa
- — (9, 32) contrato de amor.
- — (5, 7) puros excessivos e injustos
- — (cap. 3) foram reparadas junto às muralhas
- — (10, 32) ano da terra repousar e não cobrar dívidas
- — (13, 15) dia dedicado ao Senhor pelos judeus
- — (cap 3) foram reparadas com batentes e trancas
- — (1, 2) o povo libertado que estava na miséria
- — (8, 3) sacerdote colaborador de Neemias
- — (3, 15) feita para descer da cidade de Davi
- — (10, 38) a décima parte
- — (11, 1) estabeleceram-se em Jerusalém
- — (6, 7) rumores para prejudicar Neemias
- — (4, 10) assim estava a população para defender os trabalhos
- — (9, 1) os iraelitas o faziam vestidos de sacos
- — (10, 1) selará a aliança redigida por escrito.
- — (6, 16) Neemias diz que a muralha foi terminada graças a Ele.

# Coisas espirituais

*Esther Peixoto Mello Gonçalves*

**N**a reunião da Igreja, ao ouvir a representante do "Apostolado da Oração" dizer humildemente: Nós não fazemos nada. Só rezamos em conjunto, assistimos à missa, visitamos os doentes, consolamos os sofredores... coisas espirituais...

**LEMBREI-ME DO SEGUINTE EPISÓDIO:**

Numa clínica onde testávamos crianças débeis mentais, atendemos a uma vovó sofrida, com o rosto endurecido e severo sulcado de rugas amargas, o que lhe emprestava um aspecto desagradável.

Sob o domínio da doença, sua netinha atirava pedras, mordida e gritava horripelmente. Por isso as pessoas da habitação coletiva onde moravam, queriam que elas saíssem de lá.

Encaminhamos a doentinha para



estabelecimentos especializados. Apesar de várias tentativas, ainda não tínhamos conseguido lugar para interná-la.

Voltando desesperada à clínica, a vovó perguntava:

— Onde deixar a menina? Como voltar para casa se não querem nos deixar entrar? Acham que posso matá-la?

À vista daquele imenso desespero, daquelas mãos rudes em prece, nosso coração de desesperou também e num impulso, juntamos nossas mãos às dela e dissemos.

— Vamos pedir a Deus que nos acuda. Que tome sua netinha sob a

proteção d'Ele e resolva seu sofrimento.

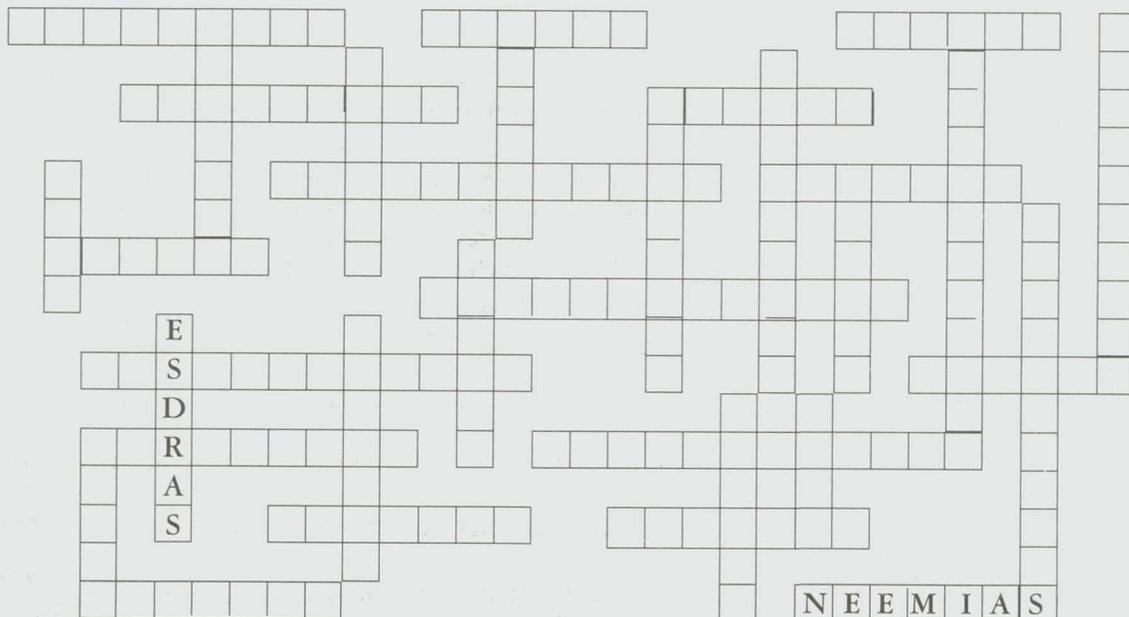
Como num passe de mágica, o velho rosto sulcado e sofrido se distendeu iluminado pela fé, e constatamos que era um rosto moço e até agradável.

Abraçamo-nos chorando, confortadas e cheias de esperança enquanto as mães presentes tinham os olhos cheios de lágrimas. Dias depois, uma instituição que se recusara a receber a menina, procurou-nos oferecendo uma vaga.

Só quando recorremos a Deus dispensando todo auxílio terrestre...  
**COISAS ESPIRITUAIS...**

*Esther Peixoto Mello Gonçalves é professora primária especializada em recuperação de dislexia (dificuldade de leitura), Assistente Social (PUC) e escritora premiada em obras infantis e poesias.*

## DIAGRAMA: Neemias ou II Esdras



Elaborada por Norma Termignoni.



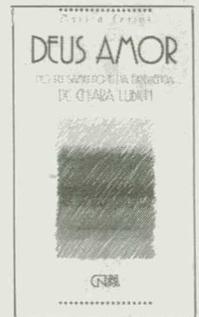
**O PLEBISCITO DE 1993 - Monarquia ou República? Parlamentarismo ou Presidencialismo ?** — Paulo Vannuchi e Frei Betto, ISER - Instituto de Estudos da Religião, 72 pgs. Esta cartilha sobre formas e sistemas de governo foi feita para ajudar no esclarecimento político dos eleitores, tendo em vista o plebiscito de abril de 1993. Seu objetivo não é apontar uma posição favorável a qualquer das propostas em jogo. Mas, oferecer os meios para que cada um possa amadurecer melhor sua escolha, sabendo em que consiste cada opção, suas vantagens e desvantagens. Nossos destinatários são os leitores engajados em movimentos e organizações populares. Adotamos uma linguagem simples, e nisso o texto se diferencia de outros importantes trabalhos. Uma obra realizada com o apoio do Setor de Editoração, foi coordenada pela Equipe de Assessoria às Organizações de Base e Entidades Religiosas do ISER - Instituto de Estudos da Religião. A equipe é constituída de cinco cientistas sociais e três teólogos, que prestam assessoria a grupos e pastorais populares.



**A PADROEIRA** — Origem do culto à Senhora Aparecida — Luciano Ramos, Edições Paulinas, 173 pgs. "A Padroeira" é antes de tudo uma lição de solidariedade humana, um trabalho que foge à receita do discurso edificante. Porque não faz concessões fáceis, não procura dissimular falhas, insuficiências ou conflitos de seus personagens. O leitor certamente ficará encantado com a facilidade com que se ambientará no momento histórico: Vale do Paraíba, inícios do século XVIII. "A Padroeira" traz à lume a imagem da Senhora Aparecida com a singeleza que premia os esforços coletivos e a delicadeza da criação estética. Pois a Virgem Maria comparece, não importa se por milagre ou por coincidência, para uma tarefa de resgate. Ao ser ela mesma resgatada das águas barrentas, recupera nos homens humildes que têm medo e nos poderosos que se escondem por trás da própria arrogância sentimentos preciosos, como o despojamento e o desprendimento. A fé é abordada em todas as suas dimensões — da religiosidade à revolucionária — o que torna o texto aceitável à todos.



**O LIVRO DA FORTUNA** — Carlos Felipe Moisés, Editora FTD, 93 pgs. Como fortalecer os laços de amizade? No início, apenas quatro colegas — Alexandre, Fernando, Luciana e Tiago. Um dia, um livro antigo — *O Livro da Fortuna* — chega às mãos de Alexandre, como herança familiar, levando-os aos questionamentos de valores e propostas de vida. Único conhecedor das mensagens esotéricas e filosóficas do livro, cabe a Alexandre revelar o segredo: como chegar à chave da Fortuna. Exigências e rituais têm que ser cumpridos à risca pelos quatro e não por simples colegas. O maior dos segredos — que os tornaria cúmplices para sempre — somente poderia ser revelado na presença de todos, à meia-noite, no tempo exato da passagem da areia na ampulheta... E tudo teria que dar certo na primeira e única tentativa. Trata-se de uma história fantástica. As três primeiras páginas do último capítulo, fechado a cadeado, deveria ser abertas e lidas em voz alta, no tempo exato, aos três verdadeiros amigos, todos concentrados num único desejo. Trata-se do segredo da Fortuna.



**DEUS AMOR** — No pensamento e na experiência de Chiara Lubich — Marisa Cerini, Cidade Nova Editora, 93 pgs. Este é o primeiro volume de uma série de estudos que revelam as riquezas de sabedoria e de doutrina teológica do carisma confiado a Chiara Lubich. À luz da perene atualidade da mensagem evangélica, da doutrina profunda dos Padres da Igreja e da reflexão teológica contemporânea, esta obra de Marisa Cerini apresenta a realidade de Deus Amor tal como se manifesta na experiência e no pensamento de Chiara. Essa experiência procura responder e dar subsídios aos questionamentos profundos do homem contemporâneo tão desorientado da vida.



**COMPUTADOR RENOVANDO A PASTORAL** — Irineu Leopoldino de Souza, AM Edições, 179 pgs. Informatizar as paróquias, hoje, é uma necessidade; não é modernice. É o modo mais eficiente de fazer chegar a todos os paroquianos, rápido e simultâneo, a voz do pastor, a voz do pároco. O cadastramento dos paroquianos fornece infinidade de dados, que de outra maneira não se teriam em tempo para as diversas opções do trabalho pastoral. O microcomputador, operado apenas a partir deste manual, sem a necessidade de cursos prévios de computação, oferece um leque imenso de oportunidades de ação, de modo personalizado. Sem as limitações dos outros métodos de ação.

Assinale nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:

O PLEBISCITO.....	50.000,00
A PADROEIRA.....	94.000,00
O LIVRO DA FORTUNA.....	65.000,00
DEUS AMOR.....	79.000,00
COMPUTADOR RENOVANDO A PASTORAL.....	113.000,00

**LIVRARIA AVE MARIA**  
Cx Postal 6226  
01296 - 970 — SÃO PAULO  
Tels: 66-0582 e 825-0700

**Atenção:** Preço de capa no fechamento desta edição. Sujeito a alteração por parte das Editoras. **Atendemos por Reembolso postal.**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

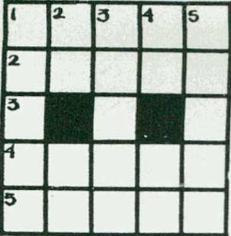
CEP: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura

# DIVERTIMENTOS

## CRUZADINHAS:



### HORIZONTAIS:

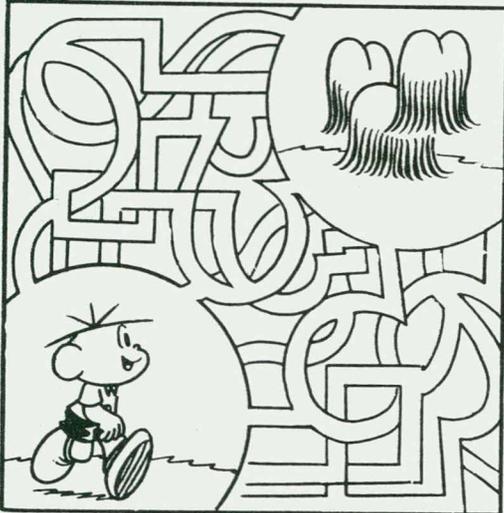
- 1- ANIMAL QUE RESPIRA POR GUELRAS.
- 2- NÃO ACERTAS.
- 4- DOAREI.
- 5- FIO DE METAL FLEXÍVEL.

### VERTICAIS:

- 1- EXTRAVIO.
- 2- SÍMBOLO DO ÉRPIO; ATMOSFERA.
- 3- IRRITARA.
- 4- SOBERANO DA PÉRSIA; PREP. DE LUGAR.
- 5- OLHE, VEJA.

SOLUÇÃO: 1- PEIXE, 2- ERROS, 4- DAREI, 5- ARAME.  
 VERT. 1- PERDA, 2- ER, 3- ERRA, 4- XA, 5- EM.  
 5- ESPE

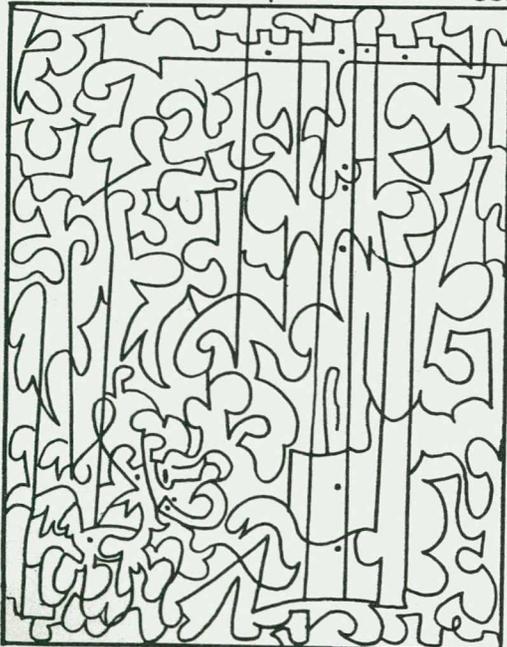
## LABIRINTO:



## JOGO DOS SETE ERROS:

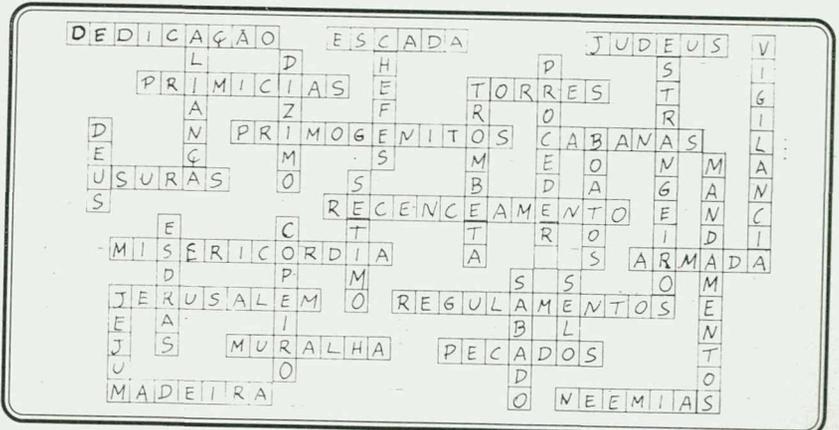


## PREENCHA OS ESPAÇOS PONTILHADOS:

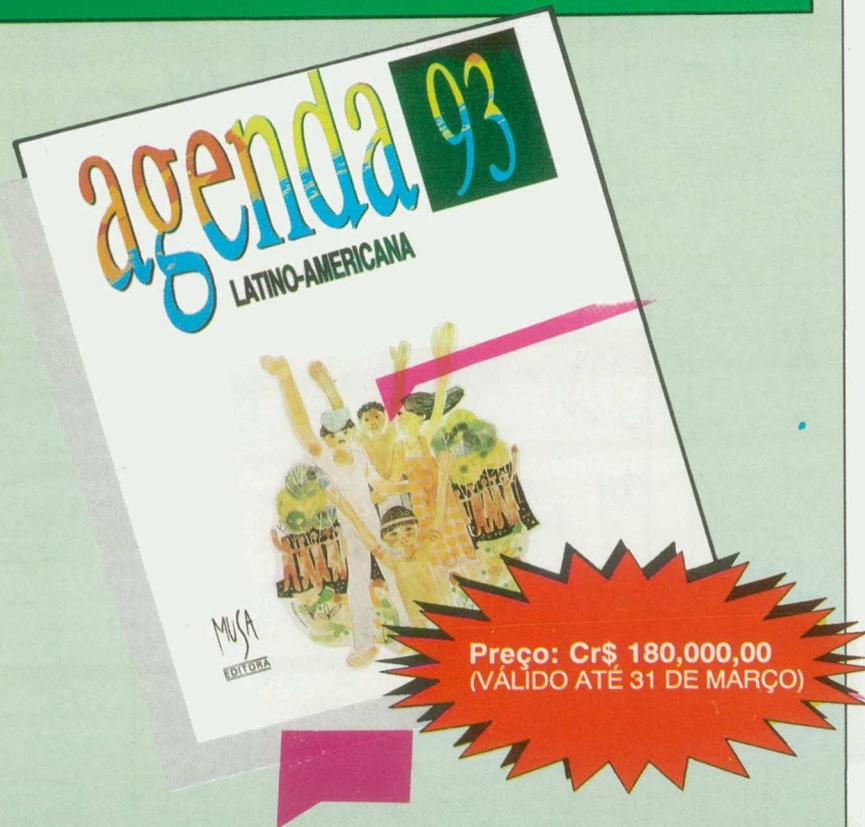


JOTALHÃO FICOU TÃO ENTUSIASMADO AO LER O LIVRO "DUMBO" - O ELEFANTE QUE VOA - QUE RESOLVI TESTAR SUA CAPACIDADE DE VOO. SEU AMIGO, O COELHO CAOLHO, ESTÁ ASSUSTADO! ENQUANTO ISSO VAMOS ACHAR AS SETE DIFERENÇAS?

Resposta: Relendo a Bíblia



Pela primeira vez em língua portuguesa,  
a **AGENDA LATINO-AMERICANA**, que é  
sucesso em quatorze países do mundo.  
365 dias de mergulho na realidade do  
nosso continente.



**Preço: Cr\$ 180.000,00**  
(VÁLIDO ATÉ 31 DE MARÇO)

Pedidos: **LIVRARIA AVE MARIA**  
Rua Martim Francisco, 656  
CEP 01226-000 — São Paulo, SP  
Tel.: (011) 66 - 0582 e 825 - 0700

# AMI

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898  
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 — TELS.: 66-2128 E 66-2129  
CX. POSTAL 6226 - CEP 01064-970 — SÃO PAULO - SP

PORTE PAGO  
ECT - DR/SP  
ISR-40 - 2837/81

# IMPRESSO